

**DOCENCIA E HISTÓRIA DE VIDA NO CURSO  
TÉCNICO EM MAGISTÉRIO – CATALÃO-GO**

**MARA RÚBIA GUARDIEIRO COSTA**

MARA RÚBIA GUARDIEIRO

**DOCÊNCIA E HISTÓRIA DE VIDA NO CURSO TÉCNICO EM MAGISTÉRIO DE  
CATALÃO-GO**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
REGIONAL CATALÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

2015

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E  
DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS (TEDE) NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

**1. Identificação do material bibliográfico:**     **Dissertação**     **Tese**

**2. Identificação da Tese ou Dissertação**

Autor (a):		<b>Mara Rúbia Guardieiro Costa</b>			
E-mail:		maraguardieiro@yahoo.com.br			
Seu e-mail pode ser disponibilizado na página? <input checked="" type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não					
Vínculo empregatício do autor					
Agência de fomento:		Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás	Sigla:	FAPEG	
País:	Brasil	UF:GO	CNPJ:		
Título:	<b>DOCÊNCIA E HISTÓRIA DE VIDA NO CURSO TÉCNICO EM MAGISTÉRIO DE CATALÃO-GO</b>				
Palavras-chave:	<b>Docência- Historia de Vida- Formação</b>				
Título em outra língua:					
Palavras-chave em outra língua:	<b>Teaching – Story of life - Formation</b>				
Área de concentração:	EDUCAÇÃO				
Data defesa:	06/03/2015				

Programa de Pós-Graduação:	Em Educação
Orientador (a):	<b>Professor Dr. Wolney Honório Filho</b>
E-mail:	whonoriof@gmail.com
Co-orientador (a):*	
E-mail:	

\*Necessita do CPF quando não constar no SisPG

### 3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento  SIM  NÃO<sup>1</sup>

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF ou DOC da tese ou dissertação.

O sistema da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações garante aos autores, que os arquivos contendo eletronicamente as teses e ou dissertações, antes de sua disponibilização, receberão procedimentos de segurança, criptografia (para não permitir cópia e extração de conteúdo, permitindo apenas impressão fraca) usando o padrão do Acrobat.

\_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

Assinatura do (a) autor (a)

<sup>1</sup> Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob orientação do Sibi/UFG.

Guardieiro Costa, Mara Rúbia  
Docência e História de Vida no Curso Técnico em Magistério de  
Catalão-GO [manuscrito] / Mara Rúbia Guardieiro Costa. - 2015.  
79 f.

Orientador: Prof. Dr. Wolney Honório Filho.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Regional  
Catalão, Catalão, Programa de Pós-Graduação em Educação, Catalão,  
2015.

Bibliografia. Anexos.  
Inclui tabelas.

1. Docência. 2. História de Vida. 3. Formação. I. Honório Filho, Wolney  
, orient. II. Título.

MARA RÚBIA GUARDIEIRO COSTA

**DOCÊNCIA E HISTÓRIA DE VIDA NO CURSO TÉCNICO EM MAGISTÉRIO DE  
CATALÃO-GO**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação, curso de Mestrado em Educação, da Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão.

Orientador: Prof. Dr. Wolney Honório Filho.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
REGIONAL CATALÃO  
CAMPUS CATALÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

2015

MARA RÚBIA GUARDIEIRO COSTA

**DOCÊNCIA E HISTÓRIA DE VIDA NO CURSO TÉCNICO EM MAGISTÉRIO  
DE CATALÃO-GO**

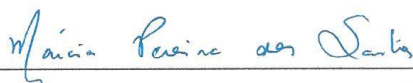
Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação. Defendida e aprovada em 06/03/2015.

BANCA EXAMINADORA



---

Prof. Dr. Wolney Honório Filho – PPGEDUC/UFG/Regional Catalão. Orientador  
Presidente da Banca



---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Márcia Pereira dos Santos – PPGH/UFG/Regional Catalão



---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Rita Tatiana Cardoso Erbs – PUCRS

Dedico este trabalho aos meus amados pais: Amélia e Dalmides, pela certeza de que tudo que sou devo ao amor irrestrito traduzido em dedicação e zelo por mim. Aos meus filhos, Thiago e Rafael, e a minha filha Simone, uma grande guerreira que enfrenta todos os dias o grande desafio de continuar a viver!

## AGRADECIMENTOS

Primeiro, a Deus, criador de todo universo e Aquele que me concedeu a dádiva de chegar ao final deste percurso.

Aos meus familiares, pai, mãe, irmãos, marido e filhos, por entenderem e desculparem minhas longas ausências de seus convívios, tempo este que foi dedicado a esta pesquisa.

Ao professor Dr<sup>o</sup> Wolney Honório Filho, orientador competente, ético e dedicado, mas, sobretudo, amigo, pela paciência, respeito e sabedoria na construção desta pesquisa. Um grande exemplo de ser humano!

Aos professores do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Goiás – Regional de Catalão, pelas inestimáveis contribuições durante o Curso de Mestrado, permitindo-me reflexões e análises cuidadosas ao longo de meu percurso de pesquisadora.

À professora Dr<sup>a</sup> Ana Maria Gonçalves, coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação – Regional Catalão, por ter me encorajado e incentivado a não desistir do curso em um momento muito difícil em minha vida.

Às professoras doutoras Maria Carolina Fortes e Rita Tatiana Cardoso Erbs, pelas contribuições valiosas no exame de qualificação.

Às professoras do Colégio Estadual João Netto de Campos, que gentilmente se dispuseram a narrar suas histórias de vida.

Aos meus colegas de turma, que juntos compartilhamos conhecimentos, mas também construímos novos laços afetivos de amizade.

À FAPEG, pelo apoio financeiro.

“A nossa matéria são as “pedras vivas”, as pessoas, porque neste campo os verbos conjugam-se nas suas formas transitivas e pronominais: formar é sempre formar-se”.

Antônio Nóvoa

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	09
A Pesquisa .....	10
Metodologia da Pesquisa .....	13
Contexto da Pesquisa .....	19
CAPÍTULO I – PROFESSORAS FORMADORAS: DO CONVITE À DESCOBERTA DE SUAS TRAJETÓRIAS.....	22
1.1 Da Escolha ao Convite às Professoras .....	22
1.2 O Prazer de Falar de Si: “a história que eu me atribuo e na qual eu me reconheço” .	22
1.3 A Professora Clara .....	23
1.4 A Professora Gabriela .....	25
1.5 A Professora Maria Rita .....	28
1.6 A Professora Leda – “Torna-se sujeito de sua história” .....	30
1.7 A Professora Helena .....	33
CAPÍTULO II – COMO ME TORNEI PROFESSORA .....	39
2.1 Palavras Iniciais .....	39
2.2 O que você vai ser quando crescer .....	40
2.3 Foi um desafio muito grande .....	42
2.4 Não queria fazer outra coisa .....	43
2.5 Fui professora por necessidade e por acaso .....	50
2.6 Caminhos percorridos em busca da formação .....	52
CAPÍTULO III – CONCEPÇÕES DE FORMAÇÃO DAS PROFESSORAS FORMADORAS .....	54
3.1 Palavras Iniciais .....	54
3.2 Como elas nos contam: o que sabiam e como faziam .....	55
3.3 Diferentes maneiras de pensar a formação .....	57
3.4 Saberes experienciais .....	59
3.5 Comecei a dar aula, mas eu não gostava de dar aula .....	62
3.6 Minhas concepções .....	65
3.7 Não, absolutamente nunca tive medo não! .....	66
3.8 Modéstia à parte, eu sou, eu era muito estimada na escola! .....	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	71
REFERÊNCIAS .....	74
ANEXOS .....	78
.....	
Anexo .....	1 78
.....	
Anexo .....	2 79
.....	

## **RESUMO**

Esta investigação teve como objetivo compreender a formação docente dos professores do curso Técnico em Magistério do Colégio Estadual João Netto de Campos, a partir de suas histórias de vida. Foram selecionadas para essa pesquisa cinco professoras que atuaram no curso Técnico em Magistério. Utilizando entrevistas semiestruturadas e memoriais, os depoimentos das professoras foram analisados com a intenção de se conhecer qual a concepção de formação docente dos professores que atuaram no Curso Técnico de Magistério do Colégio Estadual João Netto de Campos no período de 1972 a 2002. O objetivo geral desta pesquisa é investigar a concepção de formação docente dos professores do curso Técnico em Magistério do Colégio Estadual João Netto de Campos, a partir de suas histórias de vida. Diante desse objetivo geral, foram elencados como objetivos específicos: selecionar e escrever a história de vida de professores do Curso Técnico em Magistério, tendo em vista suas memórias; descrever como eles chegaram a ser professores, especialmente professores do curso Técnico em Magistério; e compreender a concepção de docência nas trajetórias de vida destes professores formadores tendo como referência o Curso Técnico em Magistério do Colégio Estadual João Netto de Campos.

## **ABSTRACT**

This investigation aimed at comprehending the teacher formation course for Technical Teachers in Magisterium of State High School João Netto de Campos from their life stories. Were selected for this research five professors who worked in the technical course in teaching. Using semi-structured interviews and memorials, the testimony of teachers were analyzed with the intention to know: What is the conception of teacher formation for professors who worked in the Course Magisterium Technical State School João Netto de Campos during the period from 1972 to 2002? The aim of this research is to investigate the conception of teacher formation for professors in Technical Course Magisterium of State College João Netto de Campos, from their life stories. Following this general objective, specific objectives were listed: Select and write the life story of the Technical Course in Magisterium professors, considering its memorials; Describe how they came to be professors, especially professors of technical course in teaching profession; To understand the conception of teaching profession the trajectories of life of these former teachers with reference to the Technical Course in Magisterium of State College João Netto de Campos.

## INTRODUÇÃO

Iniciar uma pesquisa, em qualquer campo do conhecimento humano, é partir para uma viagem instigante e desafiadora. Mas trata-se decerto de uma viagem diferente, onde já não se pode contar com um caminho preexistente que bastará ser percorrido após a decisão de partir.

José D' Assunção Barros<sup>2</sup>

A escolha do tema da presente pesquisa é fruto de uma construção permeada por percepções e olhares advindos da minha própria trajetória profissional. A partir das diferentes experiências que vivenciei voltadas para a formação docente, primeiro, como aluna do Centro de Formação de Professores Primários de Catalão, conhecido na época por Escola Parque<sup>3</sup>, onde hoje é a sede da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão<sup>4</sup>, depois, como professora das séries iniciais e, finalmente, como professora do curso Técnico em Magistério<sup>5</sup>, é que apresento algumas indagações que considero relevantes para as pesquisas no âmbito da formação de professores.

Em 1976, saí de minha cidade natal, Tupaciguara – MG, rumo a Catalão para fazer o Curso Intensivo de Habilitação Específica para o Magistério de 1º Grau (1ª a 4ª série) oferecido pelo Centro de Formação de Professores Primários de Catalão. Ao final do curso, permaneci na cidade e, no ano de 1977, cumpri o estágio supervisionado na Escola Parque<sup>6</sup>, lecionando para crianças da 2ª série primária.

Casei-me no final do ano de 1977, fixando residência em Catalão. Ingressei no ensino público em 1979 e fui trabalhar com as séries iniciais na Escola Paroquial São Bernardino de Siena. Permaneci nesta instituição de ensino até o ano de 1988, quando, então, para dar continuidade à minha formação, iniciei o curso de Pedagogia da Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão.

---

<sup>2</sup> BARROS, 2005, p. 9.

<sup>3</sup> “O Centro de Formação de Professores Primários de Catalão – C.F.P.P.C. – teve suas atividades iniciadas em 1966, sendo oficializado em 1967. Apesar de já existirem cursos Normais e Universidades espalhadas pelo Brasil, a carência de ‘formação’ (institucional) de professores no interior do Estado de Goiás contribuiu para a criação de quatro Educandários no interior goiano: Catalão, Morrinhos, Inhumas e outro em Tocantinópolis, atualmente estado de Tocantins.” (HONÓRIO FILHO; CAMPOS, 2007, p. 222. Destaques dos autores).

<sup>4</sup> O Câmpus em Catalão, da Universidade Federal de Goiás, de 1986, ano da instalação dos primeiros cursos, até o final de 2013, denominava-se Universidade Federal de Goiás – Câmpus Catalão. A partir de 2014, com a aprovação do novo estatuto da UFG, passou a se denominar: Regional Catalão da Universidade Federal de Goiás.

<sup>5</sup> Curso Técnico em Magistério do Colégio Estadual João Netto de Campos no período de 1972 a 2002, em Catalão-GO.

<sup>6</sup> Era o grupo de aplicação do Centro de Formação de professores na cidade de Catalão-GO.

Para conciliar o horário de trabalho com o da Universidade fui transferida para o Colégio Estadual João Netto de Campos, onde permaneci até o ano de 2000. Dentre as funções exercidas (de professora e coordenadora geral) neste colégio, ministrei oito disciplinas diferentes (Sociologia, Biologia Educacional, História e Filosofia da Educação, Estrutura e Funcionamento do 1º Grau, Didática Geral, Fundamentos de Psicologia, Prática de Ensino e Estágio Supervisionado), todas no Curso Técnico em Magistério.

## **A Pesquisa**

Em 2011, participei de um projeto de pesquisa e extensão intitulado “Experiências de vida e formação docente em Goiás”<sup>7</sup>, cujo objetivo era combater o esquecimento e valorizar as histórias de professores dessa região. Ao ouvir as narrativas das professoras que participavam do projeto, senti-me instigada a conhecer de forma mais profunda algo que me era muito familiar: a formação de professores.

Pensando na formação docente é que foram surgindo as problematizações que deram origem a esta pesquisa. As dúvidas se relacionavam a como e por que o professor se apropriava de determinados saberes, hábitos, posturas, regras, os quais, em seu conjunto, constituíam a formação docente de cada um. Nas palavras de Nóvoa (2007, p. 16), “cada um tem o seu modo próprio de organizar as aulas, de movimentar na sala, de se dirigir aos alunos, de utilizar os meios pedagógicos, um modo que constitui uma espécie de segunda pele profissional”. E quem pode atribuir significado a esse *modo de ser e fazer*<sup>8</sup> é o próprio sujeito a partir de suas experiências.

Minhas inquietações se transformaram num projeto de pesquisa desenvolvido no Mestrado em Educação, na Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão, que teve como problema central saber: Qual a concepção de formação docente dos professores que atuaram no Curso Técnico de Magistério do Colégio Estadual João Netto de Campos no período de 1972 a 2002?

Diante disso, defini como objetivo geral: Investigar a concepção de formação docente dos professores do curso Técnico em Magistério do Colégio Estadual João Netto de Campos, a partir de suas histórias de vida.

A partir desse objetivo geral, elenquei como objetivos específicos:

---

<sup>7</sup> Coordenado pelo Professor Dr. Wolney Honório Filho da Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão.

<sup>8</sup> Conforme Josso (2010, p. 48. Destaque da autora), “vivemos uma infinidade de transações, de vivências; estas vivências atingem o *status* de experiência a partir do momento que fazemos um certo trabalho reflexivo sobre o que se passou e sobre o que foi observado, percebido e sentido.”

- Selecionar e escrever a história de vida de professores do Curso Técnico em Magistério, tendo em vista suas memórias;
- Descrever como eles chegaram a ser professores, especialmente professores do curso Técnico em Magistério;
- Compreender a concepção de docência nas trajetórias de vida destes professores formadores tendo como referência o Curso Técnico em Magistério do Colégio Estadual João Netto de Campos.

Criado no ano de 1960 pelo Decreto Lei Nº 3.263 de 11 de novembro de 1960, e publicado no Diário Oficial nº 8452 de 23 de dezembro de 1960, o Colégio Estadual João Netto de Campos foi instalado, de fato, no dia 10 de maio de 1961, com uma solenidade realizada no cine Real, que contou com a presença de autoridades vindas da capital. A professora Helena<sup>9</sup> relata, de forma esclarecedora, os motivos que exigiram a criação do referido Colégio:

Esse colégio nasceu na realidade assim: Catalão estava sem escola para o aluno pobre, o ginásio! E o Pedro, o Sebastião, o Carlos, o Manoel e a Terezinha<sup>10</sup> lecionavam no Colégio Mãe de Deus. Eles como professores viram a necessidade de um curso para o aluno pobre que ele não tinha condições de estudar, de fazer o ginásio. Então foram no político João Netto de Campos procurando fazer, ver se conseguia do Estado um ginásio estadual aqui em Catalão. E com isso o Joãozinho conseguiu logo do Governador na época. O Joãozinho falou com esse governador e o governador criou o colégio. Começou a funcionar dia 1º de março de 1961, mas só em 10 de maio de 1961 que ele foi instalado. Foi uma instalação solene com a presença de autoridades vindas de Goiânia. Foi lá no cine Real que foi feita.

Em pesquisas ao arquivo deste colégio encontramos um abaixo assinado em que constam nomes de outros professores que possuíam o mesmo interesse em comum, ou seja, a criação de uma escola para atender às classes média e baixa de Catalão.

A iniciativa deste grupo e demais professores teve êxito e, como resultado, houve a criação do colégio por meio da lei acima referida. O colégio recebeu, inicialmente, o nome de Ginásio Estadual de Catalão e, em 1961, passou a se chamar Ginásio Estadual João Netto de Campos, em homenagem ao então prefeito da cidade.

Durante o ano de 1961, o Colégio João Netto de Campos funcionou no prédio da Escola Paroquial São Bernardino de Siena. Nos anos de 1962 e 1963, passou a funcionar no

---

<sup>9</sup> Colaboradora desta pesquisa. Helena é um nome fictício como os demais nomes dados às outras quatro professoras colaboradoras com o objetivo de preservar suas identidades.

<sup>10</sup> Os nomes: Pedro, Sebastião, Carlos, Manoel e Terezinha são fictícios.

prédio do Grupo Escolar Rita Paranhos Bretas e no prédio ainda em construção da Escola Técnica Wagner Estelita Campos. No dia 1º de maio de 1964 foi transferido, de forma definitiva, para a sede própria, situada na Praça do Estudante, s/nº, no Bairro Nª Sª Mãe de Deus.

Em 1972, teve início o Curso Técnico em Magistério e, por meio da análise dos documentos da instituição, foi possível verificar como foi a procura dos alunos pelo mesmo. No referido ano, foram matriculados 66 alunos em turno único: noturno. Desse total, apenas 08 alunos desistiram, 02 foram transferidos e 57 foram aprovados. A procura pelo curso no período noturno permaneceu nos anos de 1973 e 1974. A partir de 1975, o curso passou a ser oferecido também no período matutino, com apenas uma turma. Em 1982 e 1983, constam 02 turmas de 1º ano do curso de magistério no período noturno, mostrando que a procura pelo período noturno prevaleceu, caracterizando uma formação profissionalizante voltada para a classe trabalhadora<sup>11</sup>.

Outro dado que chamou a atenção foi em relação ao número de alunos que se matriculavam e, ao longo do curso, desistiam<sup>12</sup>. Nos anos de 1982 e 1983, o número de alunos desistentes ultrapassou 50% em relação ao número de alunos matriculados. Talvez isso se justifique pelo fato de que a grande maioria desses alunos era constituída de trabalhadores que não conseguiam conciliar trabalho e escola.

Outro fato evidenciado pela análise das matrículas foi quanto ao gênero dos alunos que procuravam pelo curso de magistério, observando-se uma predominância do sexo feminino. Em algumas turmas constava apenas um aluno do sexo masculino.

Em relação à presença feminina no exercício do magistério, Tambara (2000, p. 248. Destaques do autor) ressalta que “a mulher, de um modo ou de outro, podia mais facilmente conciliar os *deveres de casa* com a atividade pública, principalmente quando esta era feita somente em um turno.”.

Apesar das dificuldades encontradas, muitos egressos do curso Técnico em Magistério do Colégio Estadual João Netto de Campos estão atuando como professores nas redes municipal e estadual de ensino, em todas as esferas da Educação Básica e também no ensino superior de Catalão e cidades circunvizinhas.

---

<sup>11</sup> Quando de sua criação o Colégio Estadual João Netto de Campos oferecia à população o curso ginásial, com duração de quatro anos e a 1ª e 2ª séries do ciclo colegial. Ao longo do tempo, outros cursos foram introduzidos como, por exemplo, os cursos profissionalizantes, Técnico em Secretariado, Técnico em Magistério e o curso colegial (não profissionalizante).

<sup>12</sup> Retirado de documentos do arquivo do Colégio Estadual João Netto de Campos.

Catalão é uma importante cidade do estado de Goiás. Possui, conforme censo do IBGE de 2013, uma população de 94.896 habitantes. Sua localização é privilegiada pela proximidade com a capital do estado, Goiânia, com Brasília/DF e com as cidades do Triângulo Mineiro, como Araguari e Uberlândia. Uma das principais rodovias, a BR 050, que liga São Paulo à capital do País, Brasília, passa por suas terras. Além disso, a cidade possui área de aproximadamente 3778 Km<sup>2</sup> e é considerada uma microrregião do estado de Goiás, formada pelos municípios de Catalão, Ipameri, Três Ranchos, Davinópolis, Goiandira, Cumari, Nova Aurora, Anhanguera e Corumbáiba.

De acordo com dados do IBGE (2013), o salário médio mensal recebido pela população de Catalão é 2,9 salários mínimo sendo resultado do forte impacto positivo da indústria automobilística, através da demanda criada pelos empregos diretos e indiretos ligados à mesma. As atividades econômicas estão também centradas na pecuária com um rebanho de 184.000 cabeças de gado e na produção agrícola de cereais, leguminosas e oleaginosas.

## **Metodologia da Pesquisa**

A presente pesquisa busca refletir sobre a concepção de formação docente a partir das biografias narrativas de cinco professoras formadoras do Curso Técnico em Magistério do Colégio Estadual João Netto de Campos que se dispuseram a partilhar suas histórias de vida, evidenciando a escolha da profissão e os desafios da formação. As histórias de vida foram utilizadas nesta pesquisa como fontes colhidas por meio da escrita de um memorial e como fonte oral, a partir de entrevistas<sup>13</sup> semiestruturadas que foram analisadas à luz de conhecimentos teóricos de autores como Nóvoa (1988, p. 15), que apresenta a concepção de que a “a formação deve ser entendida como uma tomada de consciência reflexiva (presente) de toda trajetória de vida percorrida no passado”.

Outra autora é Bragança (2012), a qual afirma que “a formação é um processo interior; ela liga-se à experiência pessoal do sujeito que se permite transformar pelo conhecimento. Assim, podemos afirmar que, potencialmente, todos os espaços e tempos da vida são espaços e tempos de formação, de transformação humana.” (BRAGANÇA, 2012, p. 158)

---

<sup>13</sup> Para Delory-Momberger (2010, p. 526), o que a entrevista da pesquisa biográfica procura apreender e compreender é justamente a configuração singular de fatos, de situações, de relacionamentos, de significações, de interpretações que cada um dá à sua própria existência e que funda o sentimento que tem de si próprio como ser singular.

Outros autores como Josso (2010), Chené (1988), Delory-Momber (2010) e Dominicé (1988) também se constituem como referencial teórico para a discussão proposta sobre a formação a partir da perspectiva do sujeito e da narrativa de vida. Quanto ao trabalho com esta forma de narrativa, Bragança (2009, p. 37) explica que ela “coloca o pesquisador diante de uma epistemologia do diálogo, da partilha, da empatia entre dois sujeitos que aprendem, que formam em comunhão, assim, uma nova epistemologia de investigação e formação”.

Diante disso, a metodologia adotada na pesquisa foi a das Histórias de Vida, por meio das biografias educativas. De acordo com Dominicé (1988, p. 103), “a biografia educativa é um instrumento de investigação e, ao mesmo tempo, um instrumento pedagógico. Esta dupla função da abordagem biográfica, caracteriza a sua utilização em ciências da educação.” As narrativas, enquanto instrumento de investigação, representam a perspectiva, o olhar do sujeito sobre as várias dimensões formativas que atravessaram sua vida, dando pistas, preenchendo lacunas que nos levam a compreender suas escolhas, e, principalmente, o profissional que se tornou. Para Nóvoa (1988),

A abordagem biográfica reforça o princípio segundo o qual é sempre a própria pessoa que se forma e forma-se na medida em que elabora uma compreensão sobre o seu percurso de vida: a implicação do sujeito no seu próprio processo de formação torna-se assim inevitável. Deste modo, a abordagem biográfica deve ser entendida como uma tentativa de encontrar uma estratégia que permita ao indivíduo-sujeito tornar-se actor do seu processo de formação, através da apropriação retrospectiva do seu percurso de vida. (NÓVOA, 1988, p.117).

As histórias de vida, portanto, abrem a possibilidade aos sujeitos envolvidos nesta pesquisa de estabelecerem um diálogo com o passado, dando-lhe visibilidade ao trazerem para o tempo presente, por meio de suas narrativas, as histórias que foram se constituindo em experiências formativas.

Para Moita (2007, p. 117), “Cada história de vida, cada percurso, cada processo de formação é único. Tentar elaborar conclusões generalizáveis seria absurdo.” A autora chama a atenção para a singularidade contida na história de vida de cada sujeito: “só uma história de vida põe em evidência o modo como cada pessoa mobiliza os seus conhecimentos, os seus valores, as suas energias, para ir dando forma à sua identidade, num diálogo com os seus contextos”. (MOITA, 2007, p. 116).

Acreditamos que os contextos pelos quais passaram nossas entrevistadas foram importantes para compor a formação que as constituíram como educadoras. Essa relação entre

o sujeito e o seu mundo é imprescindível para uma melhor compreensão das suas histórias de vida.

Segundo Bogdan e Bilken (1994), a entrevista é uma técnica que permite trabalhar a linguagem, ela possibilita ao investigador um conhecimento prévio sobre a forma de pensar do sujeito investigado. Por se tratar de um instrumento cuja finalidade é acionar a memória dos entrevistados, fatores como flexibilidade e interação com os entrevistados foram considerados para obtenção de dados e informações pertinentes ao objetivo da investigação. Para estes autores “em todas as situações a entrevista é utilizada para recolher dados descritos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam os aspectos do mundo.” (BOGDAN; BILKEN, 1994, p. 134).

Imbuída deste propósito de conhecer como as professoras interpretam os diferentes aspectos de seu mundo, solicitei que escrevessem suas autobiografias, esclarecendo que esta narrativa deveria contemplar as diferentes etapas formativas de suas vidas. Sobre isso, Passeggi (2008, p. 27) esclarece que:

Auto-bio-grafar-se é aparar a si mesmo com as próprias mãos. Aparar é aqui utilizado em suas múltiplas acepções: segurar; aperfeiçoar; resistir ao sofrimento, cortar o que é excessivo e, particularmente, como se diz no Nordeste do Brasil, aparar é ajudar a nascer. Esse verbo rico de significado permite operar a síntese do sentido de bio-grafar-se, aqui entendido, ao mesmo tempo, como a ação de cuidar de si e de renascer de outra maneira pela mediação da escrita.

O uso do memorial pela “mediação da escrita” possibilita que o sujeito faça recortes sobre o próprio processo formativo, englobando aspectos como a vida familiar, escolar e profissional, o que nos permite a compreensão de sua história de vida. Desse modo, conforme Passeggi (2008, p.29), “biografar-se faz parte do processo civilizatório, pois introduz, por um lado, a escrita como aparato tecnológico e, por outro, implica o ato social de se colocar no centro da história”.

A autora atribui poder ao ato de ser o próprio sujeito quem faz as escolhas do que vai ser contado por meio de sua escrita, é ele quem decide o que pode ou não ser revelado. Baseando-me nas reflexões da autora, enquanto lia os memoriais, busquei encontrar nas histórias de vida de cada uma das professoras evidências que mostrassem serem elas o centro de suas histórias.

Antes que acontecesse a primeira entrevista com cada uma das professoras, percorri um longo caminho entre estabelecer o primeiro contato, fazer o convite, solicitar a escrita do

memorial e, finalmente, realizar a entrevista. As leituras do referencial teórico me proporcionaram importantes momentos de reflexão e nortearam os questionamentos sobre a formação docente, dentre eles, saber como a formação se relacionava com as histórias de vida dos sujeitos.

Com muitas perguntas em mente, pensei em minha própria experiência e de que maneira a escrita da minha autobiografia havia contribuído para que eu refletisse sobre meu percurso, minhas práticas e escolhas formativas. Assim, ao pensar nas professoras que iriam fazer parte desta pesquisa, busquei convidar, antes de tudo, aquelas que demonstraram, de certa forma, que poderiam contribuir no processo de compreensão sobre a profissão docente ao compartilhar suas experiências formativas.

Para isso, contei com minhas memórias enquanto professora do Curso Técnico em Magistério do Colégio Estadual João Netto de Campos. Lembrei-me de alguns colegas, mas precisava ter acesso ao nome da grande maioria destes professores. Desse modo, consultei os arquivos do referido colégio para elaborar uma lista que contemplasse professores que atuaram em diferentes épocas no curso.

Por meio de alguns telefonemas comecei a fazer os primeiros contatos com os professores e descobri que essa abordagem nem sempre é a melhor forma para se chegar ao outro. Após algumas negativas repletas de muitos pedidos de desculpas, dadas de forma educada pelos professores para não participarem da pesquisa, resolvi que os telefonemas seriam apenas para marcar um horário em que estes pudessem me receber em suas casas.

Como forma de aproximação, e buscando a construção de um ambiente amigável entre pesquisadora e professores colaboradores, decidi realizar uma visita para explicar os objetivos do projeto. A experiência das visitas na casa de cada uma das professoras me mostrou que é muito importante reservarmos um tempo para nos aproximarmos, para ouvirmos e estabelecermos um elo de confiança entre os sujeitos da pesquisa e o que estamos propondo realizar. Outro critério adotado para a escolha foi a disponibilidade e interesse das professoras em colaborar com este estudo sobre a formação docente. Dessa forma, consegui chegar às professoras: Leda, Clara, Gabriela, Ana Célia e Helena.

Com exceção da professora Helena já existia entre as professoras entrevistadas e eu um relacionamento mais próximo. Em determinados momentos de nosso trabalho havíamos compartilhado algumas experiências formativas relacionadas ao curso de magistério, o que, a princípio, facilitou nosso diálogo. Bosi esclarece, ao fazer referência ao seu relacionamento com os entrevistados participantes do seu livro, que “esse vínculo não traduz apenas uma simpatia espontânea que foi se desenvolvendo durante a pesquisa, mas resulta de um

amadurecimento de quem deseja compreender a própria vida do sujeito.” (BOSI, 1994, p.37-38). E foi com esse desejo amadurecido de conhecê-las longe da correria imposta pela rotina do trabalho escolar, e com disposição para ouvir o outro falar de si, que me aproximei das cinco professoras.

Quanto ao convite, receberam-no de forma prazerosa, embora algumas ficassem meio receosas quanto ao que seria perguntado nas entrevistas. Expliquei que todas as perguntas seriam direcionadas no sentido de buscar conhecer quem era a narradora e de que maneira ela poderia nos ajudar a compreender melhor como se constituía a formação docente. Na medida em que iam se inteirando da importância de preservar as memórias das experiências formativas, fomos rememorando fatos, valores e práticas docentes que estiveram presentes em suas trajetórias pessoais e profissionais<sup>14</sup>, tendo como cenário a escola. Halbwachs (2006, p. 30) explica que:

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem.

Conforme o autor, o fato de não estarmos mais a sós em nossas lembranças faz com que os fatos do passado tenham uma importância maior. São as nossas lembranças que “levamos conosco”. As memórias pessoais se entrelaçam com as de outras pessoas. Embora vivenciadas em lugares e situações diferentes, elas carregam um sentimento de pertencimento como algo comum. Ao serem compartilhadas e significadas elas perdem o *status* de algo individual, transformando-se em memórias coletivas.

Na medida em que as histórias iam fluindo, percebi que se entrelaçavam em um determinado tempo de suas vidas, como professoras de formação do Curso Técnico em Magistério do Colégio Estadual João Netto de Campos. Antes de marcarmos a primeira entrevista solicitei a cada uma delas que construísse um memorial, que escrevesse algo sobre si mesma, algo que nos contasse como elas se viam: Quem era a professora Clara, Leda, Gabriela, Maria Rita e Helena? Quais lembranças pessoais e formativas traziam em suas memórias?

Foi estabelecido um determinado prazo para que estes memoriais fossem entregues para que pudéssemos agendar o nosso segundo encontro, em que se dariam as entrevistas.

---

<sup>14</sup> Algumas destas lembranças foram também por mim compartilhadas, uma vez que fui professora durante muitos anos no Colégio Estadual João Netto de Campos.

Quanto ao uso das autobiografias como fonte de pesquisa, Souza (2006, p. 24. Destaques do autor) explica que

as histórias de vida adotam e comportam uma variedade de fontes e procedimentos de recolha, podendo ser agrupadas em duas dimensões, ou seja, os diversos “documentos pessoais” (autobiografias, diários, cartas, fotografias e objetos pessoais) e as “entrevistas biográficas”, que podem ser orais ou escritas. De fato, as biografias são bastante utilizadas em pesquisas na área educacional como fontes históricas, devendo cada texto escrito ser utilizado como objeto de análise considerando, sobretudo, o contexto de sua produção, sua forma textual e o seu conteúdo em relação ao projeto de pesquisa a que esteja vinculado.

Após a leitura dos memoriais das professoras elaborei algumas perguntas para nortear a entrevista semiestruturada que faria em um segundo momento com as mesmas. Priorizei os diversos aspectos pessoais e profissionais que envolvem a formação. A princípio, foi elaborado um mesmo roteiro com perguntas<sup>15</sup> para serem utilizadas nas entrevistas semiestruturadas com as cinco professoras. Mas, assim que tivemos acesso às autobiografias de cada uma, as perguntas foram se modificando para se adequarem ao objetivo geral da pesquisa<sup>16</sup>.

Nesse ponto, reconheço que as ciências sociais, de um modo geral, ajudam-nos a pensar a importância das fontes, sejam elas orais, escritas, icnográficas, etc. Sobre isso, Ipipina (2008, p. 84) explica que “na história de vida e na história de vida oral da vida, embora o pesquisador dirija o diálogo, o narrador é quem determina o fio condutor de seu discurso.” As perguntas serviram, portanto, apenas como um roteiro, deixando que o narrador oferecesse pistas para as próximas perguntas a serem feitas durante suas narrativas.

Sobre o uso de narrativas na construção da autobiografia, Delory Momberger (2006, p. 363) esclarece que: “é a narrativa que designa os papéis aos personagens de nossas vidas, que define posições e valores entre eles. É a narrativa que constrói entre as circunstâncias, os acontecimentos, as ações, relações de causa, de meio, de fim”. Se as narrativas designam os papéis aos personagens que, de alguma forma atravessam nossa vida, são elas também que nos permitem estabelecer o lugar que cada fato ocupa em termos de relevância.

### **Contexto da Pesquisa**

No ano de 2011 fui convidada para fazer parte, juntamente com uma equipe de professores da UFG - Regional Catalão, no desenvolvimento de um projeto piloto de extensão

---

<sup>15</sup> O roteiro com as perguntas constam em anexo no final da dissertação.

<sup>16</sup> O professor Wolney Honório participou de todas as entrevistas com as professoras formadoras.

universitária, intitulado “Experiência de vida e formação docente em Goiás”, o qual teve como aporte teórico a ideia do Ateliê Biográfico, de Delory-Momberger, sobre a construção de memórias de formação para professores<sup>17</sup>. Conforme a autora (2006, p. 359), “o ateliê biográfico de projeto é um procedimento que inscreve a história de vida em uma dinâmica prospectiva que liga o passado, o presente e o futuro do sujeito e visa fazer emergir seu projeto pessoal”.

O projeto piloto foi desenvolvido durante o primeiro semestre de 2011 em uma escola municipal de Catalão, onde os professores produziram narrativas sobre suas histórias de vida. Foram momentos reveladores, que me estimularam a repensar a minha própria história de vida. Sobre isso, Freire (2003, p. 38) explica que: “voltar-me, de vez em quando, sobre a infância remota, é um ato de curiosidade necessário. Ao fazê-lo, tomo distância dela, objetivo-a, procurando a razão de ser dos fatos em que me envolvi e suas relações com a realidade social de que participei”.

Ouvir as histórias de vida destas professoras despertou minha curiosidade de compreender melhor de que maneira elas estavam diretamente relacionadas com a formação que aqueles sujeitos receberam.

A oportunidade para este aprofundamento surgiu no final do ano de 2012, quando foi realizado mais um ateliê biográfico, no qual deixo a posição de ouvinte para socializar com os outros participantes a minha própria história de vida. Desta feita, tive a oportunidade de vivenciar a experiência de escrever meu próprio memorial. Foram momentos constituídos de muitas reflexões para dizer quem eu era.

Confesso que é uma tarefa difícil priorizar aquilo que gostaríamos que outras pessoas soubessem sobre nossa infância, familiares, aprendizagens iniciais, escolha da profissão e experiências positivas e negativas que marcaram nosso processo formativo. Porém, destaco que a partir desta experiência passei a considerar que seria importante que os professores também escrevessem suas memórias como mais uma fonte de dados para esta pesquisa. Para Chené (1988, p. 90), “a narrativa de formação tem como objetivo principal, segundo o que é pedido, falar da experiência de formação. Relativamente à narrativa de vida, presume-se que a narrativa de formação apresente um segmento da vida.” A escrita da autobiografia e a narrativa da história de vida dos professores foram, portanto, utilizadas para falar de um determinado tempo da vida destas professoras, o tempo das experiências formativas.

---

<sup>17</sup> Este Ateliê Biográfico foi realizado em 2011, sob a coordenação do professor Dr. Wolney Honório Filho.

Após a leitura dos memoriais e das narrativas busquei refletir sobre as diferentes concepções que cada uma das cinco professoras participantes apresentava em relação às perguntas que haviam me instigado a realizar esta pesquisa. Isso foi possível porque as fontes me permitiram chegar ao sujeito. Descobri fatos preciosos emaranhados na composição das histórias de formação e da história de vida dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

A partir dos dados coletados me deparei com o desafio de dar visibilidade e produzir reflexões sobre as narrativas das professoras Leda, Clara, Gabriela, Ana Célia e Helena<sup>18</sup>, relacionando a singularidade contida na história de suas vidas à formação docente. Nesse sentido, González Rey (2010, p. 10) esclarece que

A legitimação do singular na produção do conhecimento passa pelo valor que atribuímos ao aspecto teórico na pesquisa, o qual seja talvez o ponto mais difícil de ser assumido pelos pesquisadores, devido à identificação histórica entre o empírico e o científico instaurada como consequência do positivismo e do modo como a ciência se institucionalizou.

Um cuidado que o pesquisador não pode deixar de ter é com o valor atribuído ao aspecto teórico sem, no entanto, perder de vista a subjetividade que caracteriza a pesquisa qualitativa interpretativa. Esse cuidado faz parte de nossas preocupações sobre a significação do singular na construção do conhecimento e, por isso, concordamos com Rey que a pesquisa qualitativa é um processo altamente dinâmico (GONZALEZ REY, 2010, p. 12).

Um momento de fundamental importância na pesquisa é a análise das narrativas, o que requer do pesquisador muita atenção e sensibilidade. Confesso que foi um momento em que tive muitas incertezas quanto ao que deveria ser considerado como relevante para a pesquisa, mesmo porque esse valor atribuído pelo pesquisador é também subjetivo. Conforme Bolívar (2012, 87),

Dar sentido a los datos biográficos recogidos (entrevistas, informes biográficos, notas de campo, otros documentos personales) puede ser una empresa intelectual frustrante, si no se tiene algún tipo de marco teórico y propuestas metodológicas para resolverlo. El problema es cómo analizar este magma, con algún tipo de análisis de datos cualitativos, de modo que se pueda organizar como una secuencia coherente, a partir de unas categorías temáticas, en unos ejes de coordenadas temporal o temático.

O primeiro passo após a realização das entrevistas foi transcrevê-las, depois ouvi-las inúmeras vezes para descobrir elementos significativos nas narrativas das professoras, a posição pessoal que cada uma tinha diante da vida, o valor que atribuíam, por exemplo, à família, amigos, professores, profissão, lugares etc. Como o próprio Bolívar (2012) nos alerta

---

<sup>18</sup> Nomes fictícios das professoras formadoras.

pode ser uma missão frustrante quando nos deparamos com tantos dados a serem analisados, daí a importância de organizá-los por categorias temáticas.

Interpretar e dar significados às narrativas implica também em responsabilidades. Gonzalez Rey (2010, p. 138) esclarece que “o pesquisador deve ser prudente em suas afirmações... O pesquisador compromete-se com seu pensamento no decorrer da análise e esse compromisso o conduz a formular hipóteses e categorias que lhe permitem significar seus pensamentos.”

No primeiro capítulo, intitulado “Contextualizando Sobre as Professoras Formadoras: do Convite à Descoberta de suas Trajetórias”, apresento as professoras formadoras selecionadas que atuaram no Curso Técnico em Magistério do Colégio Estadual João Netto de Campos no período de 1972 a 2002. Busco apresentar, a partir de suas memórias, suas trajetórias, suas histórias de vida.

O segundo capítulo, denominado “Como me tornei professora”, objetiva descrever como estes indivíduos se tornaram professores, especialmente professores do Colégio estadual João Netto de Campos.

No terceiro e último capítulo, designado como “Concepções de Formação das Professoras Formadoras”, busco compreender a concepção de docência nas trajetórias de vida destas professoras tendo como referência o Curso Técnico em Magistério do Colégio Estadual João Netto de Campos.

Finalizando a dissertação, apresento as considerações finais da pesquisa.

Passo a seguir à apresentação de cada uma das professoras, um pouco do que falaram sobre si, do que deixaram transparecer. Reitero que os nomes são fictícios, desse modo, foram adotados pseudônimos para preservar suas identidades.

# CAPÍTULO I

## PROFESSORAS FORMADORAS: DO CONVITE À DESCOBERTA DE SUAS TRAJETÓRIAS

Ao andar num campo, uma pessoa vê um pássaro amarelo no momento em que este retira uma amora de um arbusto, mas vai a outro arbusto, deixa cair a primeira amora e apanha uma segunda. Caso o observador fosse um ornitologista a estudar os hábitos alimentares, podia ser que estivesse a tomar notas detalhadas – a recolher dados. Se se tratasse de um investigador educacional a passear num dia de folga, os detalhes podiam passar despercebidos e não serem registrados [...] Tal como um mineiro apanha uma pedra, perscrutando-a na busca de ouro, também o investigador procura identificar a informação importante por entre o material encontrado durante o processo de investigação. Num certo sentido, os acontecimentos vulgares tornam-se dados quando vistos de um ponto de vista particular – a do investigador. (BOGDAN; BIKKLEN, 1994, p. 149).

### 1.1. Da Escolha ao Convite às Professoras

Neste capítulo apresento as cinco professoras formadoras que atuaram no Curso Técnico em Magistério do Colégio Estadual João Netto de Campos no período de 1972 a 2002, e que se dispuseram a colaborar com esta pesquisa. Busco compreender, a partir de suas memórias, as trajetórias percorridas e suas histórias de vida. Apresento, no final deste capítulo, um quadro com um breve resumo dos dados relativos às professoras colaboradoras desta pesquisa o qual permitirá ao leitor ter mais acesso às informações sobre a trajetória de vida das mesmas.

### 1.2 O Prazer de Falar de Si: “a história que eu me atribuo e na qual eu me reconheço”<sup>19</sup>

As entrevistas foram agendadas e, com exceção de uma das professoras entrevistadas, as demais aceitaram que fossem realizadas em uma das salas da UFG-Regional Catalão para que pudéssemos ter mais tranquilidade, sem as interferências que fazem parte da rotina de uma casa, ou seja, atender telefone, campainha da porta e demais afazeres. E assim começamos a ouvir as experiências formativas de cada uma das professoras buscando reconhecê-las em suas histórias de vida.

### 1.3 A Professora Clara

---

<sup>19</sup> Trecho retirado de Delory-Momberger (2006, p. 362).

Em que momento da sua vida nasce a professora Clara? “no momento em que fui começar a trabalhar com o magistério”<sup>20</sup>.

A nossa primeira entrevista foi realizada no dia 24 de janeiro de 2014. Graduada pela Universidade Federal de Goiás, Câmpus - Catalão<sup>21</sup>, a professora Clara já se encontra aposentada após completar 32 anos trabalhando na educação. Filha primogênita de sete filhos, ela nasceu em 27 de julho de 1955 em uma fazenda do município de Catalão, onde passou sua infância e estudou até a 4ª série primária. Seu primeiro professor foi um tio, irmão de sua mãe. Depois foi D. Emília, sua professora e de seus irmãos até a 4ª série primária.

A escola possuía apenas uma sala de aula, era multi-seriada, ou seja, apenas uma professora dava aula para alunos de séries diferentes em um mesmo espaço. Quando a escola começou era de palha, depois, foi refeita com tijolos. Pelos relatos feitos em relação a este período de sua vida, percebo que suas lembranças remetem a uma comunidade pequena, familiar, em que a escola é um ponto de referência das famílias que ali moraram. Clara diz que a escola tinha muitos alunos, a maioria eram seus primos. Mesmo sendo uma criança, já demonstrava ter noção dos conflitos familiares vividos por sua professora, D. Emília, o que, para a aluna, justificava a postura severa da professora.

Quando questionada sobre as lembranças que possuía da infância, da escola, dos professores e do ensino daquela época, Clara explica:

Eu não me lembro muito assim, como ela ensinava não. Era brava demais, nossa! Tinha dia que ela fazia a gente fazer fila de Joelho. Era uma pessoa cheia de dificuldades, marido alcoólatra, ela era bonita. Ele bebia, ela tinha que chegar em casa e derramar a bolsa assim para ele, era sofrida! Foi bom assim porque todos nós que estudamos com ela têm letra bonita. Ela era muito exigente com a caligrafia. Lembro-me da mamãe falar que a gente fazia teatro. Mamãe fazia roupinha para eu apresentar naquele tempo de princesa e de rainha. Ela foi professora do meu irmão também, ele foi muito bom na matemática. Foi um tempo bom! Com a gente ela não tinha assim, esse nervoso.

As memórias de Clara em relação às suas primeiras experiências escolares são bem diversificadas, revelando a rigidez disciplinar da professora em relação aos alunos, atitude marcante e característica dos professores daquele período. Em outro momento, ela consegue perceber a escola como um lugar prazeroso nos contando, com um brilho especial nos olhos,

---

<sup>20</sup> Trecho da narrativa de Clara.

<sup>21</sup> Hoje, com o novo Estatuto, Regional Catalão.

sobre as roupas feitas por sua mãe para representar os personagens da literatura infantil, como princesas e rainhas, no teatro da escola. Nesse sentido, Josso (2010, p. 42) explica que

As experiências de transformação das nossas identidades e de nossa subjetividade são tão variadas que a maneira mais geral de descrevê-las consiste em falar de acontecimentos, de atividades, situações ou de encontros que servem de contexto para determinadas aprendizagens.

As memórias narradas por Clara sobre as suas experiências formativas são tão complexas que remetem ao que Josso chama de experiências de transformação das nossas identidades.

Clara se mudou para Catalão para continuar os estudos, indo estudar no Colégio Estadual “João Netto de Campos”, onde fez a 1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup>, 3<sup>a</sup> e 4<sup>a</sup> séries do curso ginásial. “Após o ginásio tínhamos os Cursos Normal e Científico (hoje ensino médio). Na época eu já estava trabalhando fora e então optei pelo curso normal”<sup>22</sup>. Nesse tempo, ela já trabalhava em um escritório e teve que estudar no período noturno. Ao narrar sobre o curso de magistério, confessa-nos que a escolha se deu por acaso, não sabia ainda o que queria fazer: “A visão de ter um futuro na educação não foi em mim despertada, nunca pensei em ser professora”<sup>23</sup>. Quanto aos professores do curso, Clara demonstrou dificuldades em lembrar seus nomes, demonstrando que a maioria não marcou sua formação nesta etapa. As memórias vieram carregadas de alguns ressentimentos e insatisfação em relação aos professores e ao curso,

Quem dava aula no magistério, era quem se formava no Colégio Mãe de Deus, que era a escola formadora de professores. Porque quando eu fiz o normal, eu nunca fui aluna média, eu sempre puxei, sempre exigi um pouco mais de mim. Quando me formei eu nunca recebi um convite, uma orientação assim, Clara você quer ser professora? Ou você quer lecionar em tal lugar? Tem uma vaga em tal lugar! Nem uma vez! Nenhum dos meus professores. Eu não dei uma aula de prática no meu curso. O curso era feito mesmo para pobre, para quem não precisava dar aula. Eu vejo dessa maneira hoje, mas na época eu não sabia questionar isso.

A professora Clara se casou e teve três filhas, afastando-se do trabalho. Ela nos relata que, como estava acostumada a trabalhar e precisava ganhar para ajudar na despesa da família, tentou fazer vários trabalhos em casa. Anos depois, fez um concurso público para professora e começou a dar aulas para as séries iniciais em uma escola estadual de Catalão. Sentindo necessidade de dar continuidade a sua formação, a professora nos relata: “fiquei no 4<sup>o</sup> ano primário uns quatro anos e me veio a vontade de fazer o curso superior, senti

---

<sup>22</sup> Trecho do memorial escrito por Clara.

<sup>23</sup> Trecho do memorial escrito por Clara.

necessidade de estar na educação, eu senti muita necessidade de estudar novamente<sup>24</sup>”. Diante disso, prestou o vestibular na Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão, onde fez o curso de Letras.

Logo que se formou, a professora deixou a escola primária para ministrar aulas no curso Técnico em Magistério. Esta oportunidade ocorreu a partir de um convite feito por Livia Abrahão, sua professora no curso de Letras, que era também professora no Curso Técnico em Magistério do Colégio Estadual João Netto de Campos.

As memórias em relação às experiências vivenciadas no curso de magistério são contraditórias, carregadas de alguns ressentimentos. A professora Clara afirma que, ao chegar ao Colégio Estadual João Netto de Campos para dar aula, a princípio se sentiu excluída do grupo de professores, pois acreditava que lá havia um grupo que era considerado a “elite” da escola. A professora explica: “quando a gente entrava, os mais antigos rejeitavam falavam para os alunos que a gente era humilde demais”. Ela nos conta que foi um grande desafio dar aulas em um curso de formação de professores sem possuir a mínima experiência.

Na narrativa da professora há fatos interessantes que marcaram a história do magistério no Colégio Estadual João Netto: conflitos internos, as preferências que demarcavam o *status* profissional e social que cada um dos professores ocupava naquela instituição. A visão da professora é subjetiva, uma vez que são interpretações que envolvem sentimentos, medos, anseios diante do novo.

Clara guarda boas recordações do bom relacionamento que mantinha com os alunos e colegas de profissão. Ela se identificou muito com o curso de magistério e lamentou o seu término, destacando a valorização do mesmo: “trabalhar no magistério foi muito bom, foi assim, parece que eu fui crescendo com o magistério.” Em relação à contribuição da graduação em sua formação, Clara afirma: “com o curso de letras que fiz aqui<sup>25</sup> eu aprendi a ter coragem de ser eu”.

#### **1.4 A Professora Gabriela<sup>26</sup>**

Eu te falo se eu voltasse provavelmente eu seria professora de novo, eu não me imagino no hospital, eu não me imagino em um consultório de psicologia não me imagino nunca! Eu gosto é de escola. Na hora que eu chego que assim eu vejo aquele tanto de jovens, eu falo ali é o meu lugar<sup>27</sup>.

---

<sup>24</sup> Trecho retirado da narrativa de Clara.

<sup>25</sup> Curso de Letras realizado na Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão.

<sup>26</sup> Pseudônimo escolhido pela própria professora.

<sup>27</sup> Trecho retirado da narrativa da professora Gabriela.

A segunda entrevistada foi a professora Gabriela, com formação em Ciências Sociais e licenciatura em História pela Universidade Federal de Goiás – Regional Goiânia. Dos 27 anos trabalhados na educação, 17 foram como professora de formação do Curso Técnico em Magistério do Colégio Estadual João Netto de Campos, constituindo, assim, o maior tempo de suas experiências formativas.

A entrevista com Gabriela foi realizada no dia 28 de janeiro de 2014 em uma das salas da UFG - Regional Catalão, conforme havíamos combinado anteriormente. Usando da longa amizade que tenho com esta professora, ofereci-me para passar em sua casa e juntas irmos para o câmpus. Assim que cheguei, vi que Gabriela estava elegantemente vestida para ir à nossa entrevista. Desde o primeiro contato estabelecido para que fossem contadas suas memórias formativas da docência, Gabriela demonstrou um enorme interesse em colaborar com a pesquisa, dizendo se sentir muito honrada por ter sido lembrada.

A professora nos contou que é filha única, nasceu em 1947, em Pontalina, uma pequena cidade do interior do estado de Goiás, onde passou toda a infância. Seu pai era agricultor e sua mãe, além de fazer os serviços domésticos, era costureira. Suas lembranças desta época são de um tempo feliz, com muitas brincadeiras entre amigos e familiares. Gabriela assim nos descreve: “Eu tive uma infância assim inesquecível, maravilhosa!” Enquanto filha única foi uma criança acostumada a ter tudo e todos girando em torno dela, sendo descrita por ela mesma como uma pessoa egocêntrica: “Eu não dividia nada com ninguém! Mamãe ia fazer um bolo, o bolo era todo meu! Fazia um pudim o pudim era todo meu! Fazia rosca era toda minha! Eu demorei aprender, mesmo depois de adulta, a dividir as coisas”.

Gabriela começou a estudar no grupo escolar Dr. Pedro Ludovico, em Pontalina, Goiás, onde fez da 1ª a 4ª série primária. Ao se referir a este tempo ela sorri e diz: “o grupo parecia um monstro, um castelo! Agora eu chego lá e acho-o pequeno, um grupinho! Escolinha pequena, mas no meu tempo de criança eu achava lá assim o prédio maior do mundo!” Gabriela estudou também na escola Santa Rita de Cássia, que leva o nome da padroeira da cidade de Pontalina, onde cursou o 1º, 2º, 3º e 4º ano ginásial.

Em 1963, deixa sua cidade natal para morar em Goiânia com o objetivo de dar continuidade aos estudos. Ela nos relata que em sua cidade as mulheres não tinham opção, a maioria se casava, tinha filhos e cuidava da casa. O estímulo recebido para que fosse embora para estudar é atribuído a sua mãe:

A minha mãe foi uma pessoa que tinha uma visão diferenciada para a época dela. Porque ela também teve muito pouca oportunidade. Mas ela falava, eu escutava muito ela falar: eu não estudei, mas a minha filha vai estudar! A minha filha vai estudar! Então isso era uma coisa que ela batia muito e realmente quando eu saí em 1963 de Pontalina pra Goiânia ninguém saía pra estudar fora. Então eu fui assim como uma pioneira ao sair.

Gabriela foi estudar em Goiânia indo morar, em regime de internato, com as irmãs Salesianas no Colégio Santo Agostinho, onde fez o curso de magistério. Quanto à escolha por este curso ela nos disse que foi por força das circunstâncias, a mãe havia aconselhado que o fizesse para que fosse lecionar e ganhar seu sustento, assim poderia dar continuidade aos estudos. A influência da mãe na educação de Gabriela foi marcante, todas as referências neste sentido estão voltadas para as orientações da mesma.

Nas narrativas das duas professoras entrevistadas, Clara e Gabriela, percebo a diferença entre ter alguém que nos oriente nas escolhas formativas e não ter ninguém. Desse modo, enquanto Gabriela teve todo apoio dos pais, em especial da mãe, nos relatos de Clara verifico a presença de um lamento com relação à ausência deste direcionamento. Nosso intuito é chamar a atenção quanto às afirmativas das professoras e interpretações dadas por elas as suas experiências. Nesse sentido, Gonzalez Rey (2010, p. 126) nos ajuda a refletir quando esclarece que

A subjetividade é um sistema complexo e, como tal, suas diferentes formas de expressão no sujeito e nos diferentes espaços sociais são sempre portadoras de sentidos subjetivos gerais do sistema que estão além do evento vivido, o do contexto em que se centra a representação consciente do sujeito em suas ações concretas.

Nas considerações feitas por Clara e Gabriela vemos essas representações com sentidos subjetivos, uma vez que estão falando de sentimentos, de algo já vivenciado há muito tempo. Ao trazerem tais lembranças para serem refletidas, elas lançam um olhar diferenciado em relação a tais fatos.

De acordo com a professora Gabriela, o motivo de sua mudança de Goiânia para Catalão foi por ter se casado. Como já era professora concursada, pediu sua transferência e foi dessa forma que iniciou sua trajetória como professora de formação no Colégio Estadual João Netto de Campos.

São interessantes as narrativas da professora Gabriela sobre suas experiências em relação ao curso de magistério, uma vez que ela expõe os limites tanto materiais quanto relativos à falta de preparo dos professores. Nesse aspecto, a professora traz uma visão mais idealizada ao dizer: “O magistério era tudo naquela escola, parece que o magistério carregava

aquele colégio, precisava fazer uma ornamentação, tudo que precisava era o magistério. A vida da escola era o magistério!” Essas diferenças talvez se justifiquem pela trajetória de vida e formação acadêmica de cada uma delas. Enquanto Clara veio de um meio rural e com formação em Letras, Gabriela, apesar de ter vivido e estudado até a 8ª série em uma cidade pequena, logo depois foi estudar na capital do estado de Goiás, graduando-se em Ciências Sociais.

Gabriela se mostrou uma professora realizada pela escolha da profissão, porém, insatisfeita com a falta de reconhecimento financeiro e social.

### **1.5 A Professora Maria Rita**

Mas eu me identifiquei muito com a escola pública e hoje eu tenho uma assim, a gente fica muito gratificada quando encontra com as pessoas na rua e elas lembram detalhes da sua época de escola. Então foi uma das melhores coisas que eu fiz na minha vida, eu acho que nem como música eu teria me realizado tanto quanto foi com escola<sup>28</sup>.

A terceira entrevista aconteceu no dia 05 de fevereiro de 2014 com a professora Maria Rita, graduada em Pedagogia pela Universidade Católica de Goiás. Sua primeira experiência com a carreira docente foi no curso normal, concluído no ano de 1968 no Colégio Nª Sª Mãe de Deus.

O meu relacionamento com esta professora antecede aos contatos feitos recentemente para convidá-la a participar desta pesquisa. Durante muitos anos fomos colegas de trabalho no Colégio Estadual “João Netto de Campos”, fato que aguçou minha curiosidade para conhecer a história de vida desta professora que estava sempre à frente dos trabalhos de coordenação da escola, evidenciando seu espírito de liderança.

Maria Rita nasceu em Catalão no ano de 1951, é a filha mais velha de quatro irmãos. Teve uma infância tranquila e estudou no Colégio Nª Sª Mãe de Deus até a 4ª série primária. Aos 13 anos foi enviada pela mãe para estudar em São Paulo, onde ficou em regime de internato. Durante a entrevista, a professora demonstra ressentimentos por ter sido retirada do convívio da família tão nova. Lamenta a morte do pai e o pouco tempo de convivência familiar:

Na época aqui o pessoal ia para lá e não sei por que a minha mãe, era sempre a minha mãe nesta parte aí de escola. Inclusive até eu relatei ali no meu histórico eu acho muito sofrido porque eu fui para São Paulo em um regime

---

<sup>28</sup> Trecho retirado da escrita feita com Maria Rita.

muito rígido. Num colégio de freira onde a Madre superiora passava e você tinha que abaixar a cabeça, você não podia olhar no olho dela. (...) Era internato! Colégio interno você ia, você só vinha aqui uma vez em julho. Eu me lembro bem. Uma vez meu pai chegou lá em Santa Marcelina, São Paulo. Era meu aniversário, ele saiu daqui para levar um bolo para mim e acho que chegou atrasado, eu pude ficar cinco minutos com ele. Então é muita coisa da minha vida, muito rigor, eu acho que foi isso aí. Mas no fim Wolney, chegando hoje, eu acho que eu até agradeço, porque eu pude... A gente vai moldando por aí, pelo que você vai passando pela vida. Inclusive no colégio estadual eu era muito enérgica, não é Mara? O pessoal tinha até medo de mim. E eu acho que essa questão dessa disciplina minha que eu tive a minha vida toda foi isso aí, porque lá era... Eu lembro mais dessa fase da minha vida do que da primeira que você me perguntou, no começo da alfabetização. É para você ter uma ideia, para tomar banho, uma coisa que marcava muito, a gente sentava no local do chuveiro, aí a irmã tocava o sino. Você tirava a roupa, tocava o sino. Você abria o chuveiro, outro sininho você tinha que fechar o chuveiro e ensaboar. Então era tudo super metódico!

As narrativas da professora Maria Rita evidenciam as memórias de caráter disciplinar, a rigidez do processo educativo a que foi submetida. Identifiquei, em vários momentos, uma forte influência da formação recebida na adolescência em seu convívio com as freiras do Colégio Santa Marcelina, em São Paulo, nas atitudes profissionais tomadas por esta professora em seu cotidiano no Colégio Estadual João Netto de Campos. Penso no grande desafio que caracteriza as narrativas em seu processo de desvendar o outro, afinal, a história contada não é necessariamente a história vivida. Sobre isso, Josso (2010, p. 47. Destaques do autor) explica que “falar das próprias experiências formadoras é, pois, de certa maneira, contar a si mesmo a própria história, as suas qualidades pessoais e socioculturais, o valor que se atribui ao que é “vivido” na continuidade temporal de nosso ser psicossomático.” Percebo nas narrativas de Maria Rita este ato reflexivo, como se estivesse se descobrindo enquanto compartilhava sua história de vida. É como se contássemos a nós mesmos a nossa própria história (JOSSO, 2010). É um momento em que atribuímos valor às experiências formadoras vividas.

Maria Rita é casada, tem três filhos e um neto a quem se refere carinhosamente, contando-nos que, apesar da pouca idade, ele tem se mostrado curioso para tocar seu piano: “quem sabe meu neto vai herdar meu lado musical”. Em suas narrativas a professora nos revelou que a música, particularmente o piano, é uma das suas grandes paixões na vida.

Quanto ao aspecto profissional, a professora deixa sempre transparecer em suas narrativas o gosto pela gestão da escola em que foi coordenadora e diretora. Foi professora do curso Técnico em Magistério por imposições políticas e não por escolha, embora tenha reconhecido que, no final, foi uma experiência boa. Maria Rita, ao se aposentar, deixou a

educação com muitas mágoas pela falta de reconhecimento ao trabalho dedicado ao Colégio Estadual “João Netto de Campos”.

Observo que a professora possui características diferentes das outras duas professoras entrevistadas. Clara e Gabriela se identificam mais com a sala de aula, com a docência, enquanto Maria Rita se sente atraída pela parte burocrática da escola: “Eu me identifiquei mais nessa parte na faculdade desde a época lá dos estágios, passei pela sala de aula e não gostei, antes de vir pra cá. Então acho que foi isso. Eu gostava da administração, eu gostava da organização da escola”.

Na narrativa da professora temos informações valiosas sobre a organização interna do Colégio Estadual João Netto de Campos. Estes são marcos que nos revelam como foram organizados e estruturados os vários cursos ali administrados. Quando assumiu a direção da escola, a professora verificou que os cursos de secretariado e magistério não tinham documentação, os cursos não eram reconhecidos. Os alunos, ao terminarem os cursos, saíam da escola sem receber o diploma do curso que frequentavam.

Para você ter uma idéia nem diploma não saía lá no colégio, os alunos terminavam os cursos e ficava por isto mesmo. Aí nós começamos a ir para Goiânia, ir ao Conselho de Educação para fazer a legalização. Então o que mais deu trabalho foi essa questão de legalização dos documentos da escola<sup>29</sup>.

Atualmente, a professora continua trabalhando em outra atividade burocrática, ela conta, com muito orgulho, que é muito boa nesta área, faz parte de sua personalidade e atribui isso à formação recebida. “Eu acho que trouxe essa rigidez do colégio Santa Marcelina<sup>30</sup>”.

## **1.6 A Professora Leda - “Torna-se sujeito da sua história”<sup>31</sup>**

Começo a falar da quarta professora entrevistada a partir da epígrafe acima por entender que esta traduz bem a narrativa da professora Leda sobre suas histórias de vida. Na medida em que a professora começa a narrar suas trajetórias formativas entendo que ela literalmente buscou se tornar sujeito da própria história, nela se reconhecendo, atribuindo-lhe significados a cada escolha feita. A busca pela formação foi e continua sendo uma proposta de vida que esta professora persegue.

---

<sup>29</sup> Afirmativa da professora Maria Rita.

<sup>30</sup> Conforme escreveu Maria Rita em seu memorial, ela estudou e morou em sistema de internato por dois anos no Colégio Santa Marcelina em São Paulo, o qual era dirigido por freiras.

<sup>31</sup> Delory-Momberger (2006, p. 362).

Meu primeiro contato com Leda advém de um longo tempo como colegas de trabalho no Colégio Estadual João Netto de Campos. O primeiro encontro para falar sobre a pesquisa foi pessoalmente na escola municipal em que a professora estava trabalhando. Expliquei no que consistia o projeto e a importância de suas experiências formativas. Prontamente, Leda aceitou participar. Agendamos a entrevista para o dia 13 de fevereiro de 2014 e, conforme combinação prévia, eu a busquei em sua casa e de lá fomos para uma sala de aula da Pós-Graduação em Educação da UFG- Regional Catalão, onde a entrevista começou, às 15 horas.

Leda nasceu em Paracatu, no estado de Minas Gerais, mudou-se para o município de Catalão quando tinha quatro anos. Com formação em Ciências Sociais, cursou licenciatura e bacharelado em Geografia, ambos no Campus Catalão da Universidade Federal de Goiás. Foi alfabetizada por seu pai, que era professor na zona rural onde moravam. Sua primeira experiência como formadora se deu aos 12 anos como professora substituta do pai. Aos 16 anos já era professora de um pequeno grupo de alunos na zona rural, mesmo tendo como formação apenas o 4º ano primário:

Eu já tinha uma experiência com meu pai, a minha didática aprendi com ele. Então a gente tinha um quadro, esse aqui é provável que desse uns três quadros. Ele era bem pequenininho, aí você dividia e fazia o seguinte, eu trabalhava colocava a 4ª série para fazer leituras e interpretações de texto. Dividia o quadro entre o 2º e 3º ano e trabalhava, por exemplo, matemática com o 3º ano, que já tinha trabalhado naquele dia anterior. Eles iam fazer as tarefas. Com o 2º ano eu trabalhava, por exemplo, Ciências e já levava o texto, passava no quadro, eles copiavam e já iam estudar o texto. Aí eu ficava com o 1º ano e aquele 1º ano já lia, já estava começando a ler. Aqueles alunos que estavam sendo alfabetizados estavam começando a assinar o nome entendeu? Era mais ou menos assim, era um pouquinho complicado, mas dava para trabalhar, dava pra conciliar.

No início da entrevista, solicitamos que Leda falasse um pouquinho sobre ela, inclusive sobre as lembranças das primeiras experiências de vida com sua família. Observei que suas primeiras memórias formativas remetem às influências do pai na escolha da profissão, pois este também era professor:

Wolney: quando foi que você começou a pensar “eu sou professora”?

Leda: eu comecei a pensar lá pelos 12, 13 anos eu vou ser uma professora.

Wolney: influência do seu pai?

Leda: é, influência do meu pai.

Em 1972, fez curso de magistério no Centro de Formação de Professores, em Catalão. Fez também, dando continuidade à formação, licenciatura curta em Ciências Sociais,

concluindo o curso no ano de 1977. Além disso, sentindo necessidade de continuar seu aperfeiçoamento profissional, concluiu a graduação e o bacharelado em Geografia.

Compreendo que o processo de profissionalização de Leda foi bastante conturbado, sendo realizado entre a casa e o trabalho. Casada e com três filhos para criar a professora se dividia entre a escola e os dois cursos superiores, ambos no período noturno. Nos finais de semana exercia outras atividades extras para complementar a renda familiar.

Em 1977, começa a ministrar aulas no Colégio Estadual João Netto de Campos. Quanto às disciplinas que lecionava neste período ela esclarece: “eu trabalhei com história, geografia, ciências, técnicas agrícolas, educação moral e cívica, expressão gráfica. Tinha naquela época canto também, então eu desenvolvi todas essas disciplinas”. A partir do ano de 1989, passa a dar aulas também no curso Técnico em Magistério com as disciplinas de História e Geografia.

Em seus relatos, Leda considera que foi importante esclarecer para seus alunos, enquanto futuros professores, sobre as dificuldades que permeiam a educação, como a falta de recursos materiais e o baixo salário. Por outro lado, apresenta uma concepção idealizada do ofício de ser professor, podemos dizer que possui uma visão “missionária.” Nesse sentido, ela diz: “O que eu tentei passar para os meus alunos foi isso, antes de tudo amor! Que não buscasse só um salário porque o salário do professor eu acho que nunca foi bom e nunca será”.

Enquanto professora do Colégio Estadual João Netto de Campos ela explica que esta instituição foi sua segunda casa pela quantidade de horas vivenciadas ali todos os dias. Desta feita, ela complementa dizendo: “Sempre comento, o Estadual foi meu segundo lar e parece que não tinha cansaço a gente trabalhava, mas trabalhava com gosto”.

Esta afirmativa da professora expressa a dura realidade vivenciada pela maioria dos professores que por questões de sobrevivência passam mais tempo em seu local de trabalho do que com suas famílias. Ainda hoje vivenciamos esta prática, jornadas de dois ou três períodos em uma ou mais instituições de ensino.

Atualmente, a professora Leda continua a dar aulas nas escolas do município, embora já tenha um bom tempo que se aposentou na rede estadual. No final de suas narrativas nos conta que é aluna do curso de Direito, curso que há muito tempo sonhava em fazer.

Além do fato de serem professoras, Leda, Clara, Gabriela e Maria Rita trazem de comum em suas histórias de vida a experiência de terem sido professoras de formação no Curso Técnico em Magistério do Colégio Estadual João Netto de Campos no período de 1972

a 2002. Cada professora traz lembranças singulares de fatos, pessoas e lugares que marcaram seus percursos ali vivenciados.

### **1.7 A Professora Helena**

Éramos tidas como professoras enérgicas, mas nunca fomos tidas como professores maus! Energia é uma coisa. Minhas aulas eram boas de dar, não tinha problemas, não tinha nada. O aluno falava assim: fulano tá colando, pode colar não me deixando ver! Se eu vir, sou obrigada a tomar atitude, porque se eu não tomar atitude perco a autoridade. Não é que eu beneficie o aluno nem nada, se eu deixar de agir, eu perdi a minha autoridade porque eu não fui justa. Então é aí que eu acho, o professor tem que ser justo e enérgico. São duas coisas e tem que medir muito as palavras porque as palavras que a gente diz não voltam! Então a gente tem que ter domínio das palavras. Eu acho que essas são as três características do professor<sup>32</sup>.

A quinta e última professora entrevistada foi Helena, que estudou desde a 1ª série até o curso normal em uma única escola, o Colégio Nossa Senhora Mãe de Deus de Catalão. Seu primeiro contato com a carreira docente foi em uma sala de 2ª série no Grupo Escolar 29 de outubro, onde hoje é o Colégio Estadual Rita Paranhos Bretas. Helena está com 87 anos, nasceu no dia 2 de setembro de 1926, em Catalão.

Meu primeiro contato com D. Helena se deu de modo informal em um restaurante de Catalão, quando fui apresentada por uma amiga em comum. Na verdade, conhecia a professora de longa data por meio das histórias contadas por outros professores sobre as contribuições de sua família para a criação do Colégio Estadual João Netto de Campos. A irmã de D. Helena, juntamente com um grupo de professores, idealizou e articulou juntos aos políticos influentes da década de 1960, em Catalão, a criação desta instituição de ensino. Embora não tivesse tido a oportunidade de me aproximar anteriormente desta professora, já conhecia alguns feitos educativos atribuídos a sua família.

No início de dezembro de 2013 liguei para casa de D. Helena quando então solicitei uma visita para convidá-la formalmente a participar da pesquisa. Marcamos para uma semana após esse telefonema um encontro às 9 horas em sua casa. Fui recebida com muita amabilidade pela professora e, sem muitos rodeios, apresentei a proposta do projeto de pesquisa. D. Helena aceitou o convite dizendo-se receosa de não se lembrar com precisão dos fatos e datas em função da idade avançada.

Permaneci cerca de 2 horas sentada em frente à professora, que me contou informalmente sua história formativa, levou-me até a sala de visitas onde, orgulhosamente,

---

<sup>32</sup> Trecho retirado da entrevista feita com a professora Helena.

mostrou-me o painel de fotografias de seus familiares (avós, pais e irmãos). Em uma pequena sala estavam os livros e alguns objetos que pertenceram a sua irmã, demonstrando o zelo e o empenho em preservar a memória da família. A residência da professora Helena também nos conta uma história com sua bela arquitetura, despertando em nós a curiosidade em conhecer as pessoas que por ali transitam. Saí da residência de D. Helena por volta das 11 horas lamentando não ter gravado esses relatos e pensando se, em nossa entrevista, ela traria essas memórias tão ricas em detalhes sobre a história da educação escolar em Catalão.

No dia 14 de fevereiro de 2014, o professor Wolney Honório Filho e eu nos dirigimos à sua residência para nossa primeira entrevista. No dia 25 de fevereiro de 2014 voltamos à casa da professora Helena para nossa segunda entrevista, sendo esta a convite da entrevistada<sup>33</sup>.

No início da entrevista, quando solicitada a nos contar como foram seus primeiros contatos com os livros e com a escola, D. Helena diz:

Meu primeiro contato com a escolarização é que eu sou irmã de Terezinha<sup>34</sup>, [...] então ela em casa, ela abriu uma escola para ajudar a manter a nossa família. Ela tinha uma escolinha pequena, e nesta escolinha ela lecionava. [...] Então quer dizer que a gente viveu sempre dentro da educação.

Interessante observar a forma como ela nos respondeu, pois todo referencial de educação é voltado para a própria irmã, que era professora. Ao longo de sua narrativa ressalta que tudo que aprendeu foi com a irmã, observando-lhe o modo de ser, a forma de lidar com o cotidiano da escola, a didática apreendida para dar suas aulas:

A minha irmã Terezinha foi uma educadora, mas uma educadora mesmo! Ela não foi uma professora, ela foi uma educadora. Ela dava suas aulas e eram muito bem recebidas suas aulas e ela educava o aluno. Ela era uma pessoa respeitadíssima! E eu fui criada sob a tutela dela, mamãe era viva, mas mamãe naquela época era bem doente. Então eu acho que eu herdei isso dela, eu via aquilo, simplesmente via, mas não participava. Mas eu tive essa felicidade de ter condições de passar para o aluno aquilo que eu queria. O que eu ensinava era pouco, mas eu tinha consciência do que eu estava ensinando.

As memórias formativas de D. Helena sem dúvida nenhuma apresentam fortes reflexos da educação rígida recebida, a princípio, de sua irmã D. Terezinha, depois, das irmãs agostinianas do Colégio Nossa Senhora Mãe de Deus onde estudou. Sua dinâmica de trabalho como professora, e que norteou as demais experiências, dentre elas como docente do Curso

---

<sup>33</sup> Esclareço que, a pedido da professora Helena, as entrevistas não foram realizadas no câmpus, como ocorreu com as demais professoras entrevistadas, e sim em sua residência.

<sup>34</sup> Nome fictício.

Técnico em Magistério, foi marcada pela rigidez disciplinar vivenciada como aluna. Em seus relatos fica evidenciada a forma de lidar com o aluno, marcada por certo distanciamento e respeito. Essa era uma prática comum entre os professores das décadas de 1960, 1970 e 1980. O comportamento da D. Helena me faz lembrar a minha própria história, sinto-me como se estivesse diante de uma das minhas professoras do ensino primário.

Sua experiência como professora de português no curso Técnico de Magistério (normal naquela época) é avaliada por ela como boa. Além disso, a mesma demonstra consciência das dificuldades na implantação do curso:

Naquela época era tudo muito precário, tudo muito fundação, e uma fundação precária, mas tudo tem que ter um começo. Apesar de não ter sido uma coisa no meu modo de pensar e de ser e de avaliar que não foi uma coisa assim 100%. Uma coisa boa, 100% é como se fala porque hoje não tem nada 100%, isso é força de expressão. Mas por ser uma coisa assim que a gente queria, foi um pouco aquém, um tanto aquém, mas eu acho que teve seu valor! Teve o seu valor porque com aquilo começou e depois eu sai logo e não tomei conhecimento.

As percepções diferentes relativas a cada época demonstradas pela professora Helena nos ajudam a compreender os significados a elas atribuídos. Apesar de reconhecer que o curso teve seu “valor<sup>35</sup>”, ela não possui uma visão idealizada do curso de magistério.

Helena compartilhou de outras experiências formativas importantes para a história da educação em Catalão. Em 1960, participou de um curso em Minas Gerais que lhe conferiu o cargo de orientadora urbana das escolas primárias de Catalão na Campanha para a Erradicação do Analfabetismo. Durante o ano de 1965, foi professora no Centro Formação de Professores de Catalão. Helena relata que: “a fundação do Centro de Formação foi assim: a Campanha de Erradicação ia terminando, com isso sentimos a necessidade das professoras leigas se aperfeiçoarem. E para o aperfeiçoamento dessas professoras fazíamos cursos em julho, em dezembro”.

Outro relato interessante feito pela professora diz respeito às interferências da política partidária na educação de Catalão, experiência vivenciada por ela e sua irmã, também professora, quando foram colocadas à disposição do Colégio Estadual João Netto de Campos. Tal fato a marcou profundamente, sendo considerado como uma das piores recordações daquele tempo. “Nós fomos colocadas à disposição, a cadeira primária a disposição do Estadual”.

---

<sup>35</sup> Retirado da entrevista com a professora Helena.

Nas aproximações entre esta professora e as demais entrevistadas vejo que, embora D. Helena tenha dito que nunca pensou em ser professora, na verdade, sua trajetória de vida familiar a conduziu a este ofício. Talvez isso se justifique pelo fato de ter nascido em um ambiente fortemente marcado pela educação. Vejo que ela traz, em sua forma de “ser professora”, muitas semelhanças com as minhas primeiras professoras das séries iniciais. Por trás da delicadeza ao falar com seus alunos ela demonstra uma firmeza intimidadora caracterizando um tempo em que o professor era temido e respeitado. Nesse sentido, ela nos esclarece: “Você quando quer uma coisa, você não fala, já é! Você vê que o imperativo é energia, é ordem, é pedido, é súplica. Então para mim o imperativo é uma maneira de fazer”.

Quando a questionamos sobre o que considera ter sido o fato mais importante para sua formação, ela diz: “Eu acho que foi meu lar”.

A esse respeito, Gonzalez Rey (2010, p. 46) esclarece que

É certo, pode ser que nada seja relevante nessa história; de todo modo, lembre-se de que o relevante pode ser tanto em relação a experiências positivas, como a experiências negativas, pois relevante é tudo o que deixou uma marca em sua história, tudo o que exerceu uma influência importante em alguns momentos de sua vida. O homem não cresce só por meio das coisas de que gosta, mas também por meio das possibilidades com que consegue enfrentar as experiências difíceis, e é nesse sentido que estou usando o termo relevante.

Nas histórias de vida destas professoras vimos como cada uma delas apresenta as estratégias que utilizaram no sentido de superar as dificuldades encontradas e, como ressalta Gonzalez Rey (2010), o homem cresce nas adversidades da vida, nem sempre fazemos apenas aquilo que gostamos, na maioria das vezes, como nos revelam em suas narrativas, não houve uma escolha de se tornar professora, ou mesmo da escola que foram trabalhar. Em geral, foram movidas por imposições políticas e sociais que as levaram a se deslocarem de um lugar para outro, de escolas e de cidades. Com certeza, o que nos foi revelado foram experiências relevantes, aquelas que de alguma forma marcaram suas vidas, positiva ou negativamente, denunciadas ou pela demora em responder, ou mesmo pelo silêncio das professoras.

Para conhecermos o perfil de cada um dos sujeitos da pesquisa, elaboramos uma síntese exposta no quadro abaixo relativo a alguns dados complementares sobre a vida das professoras, tais como data e local de nascimento, idade em que foram alfabetizadas, início da docência e nomes de algumas escolas que trabalharam e outros dados para que o leitor tenha melhor acesso sobre quem são essas professoras.

Perfil das professoras sujeito da pesquisa

Nome	Data de Nascimento	Início da Carreira Docente	Outras Informações
Clara	27 de julho de 1955 no Município de Catalão.		Aos cinco anos de idade foi alfabetizada em uma fazenda da zona rural no município de Catalão pelo seu tio, irmão de sua mãe. Após terminar o 4º ano primário mudou-se para a cidade de Catalão indo estudar no Colégio Estadual João Netto de Campos, onde concluiu o primeiro e o segundo grau com o curso normal (magistério). Iniciou sua carreira docente através de um concurso público estadual, assumindo uma sala de aula para crianças do 3º ano primário na Escola Madre Natividade Gorrochátegui. Foi professora no curso Técnico em Magistério do Colégio Estadual João Netto de Campos trabalhando com as seguintes disciplinas: Didática Geral, Alfabetização, Didática da Língua Portuguesa e Prática de Ensino. Foi professora do curso Colegial neste mesmo colégio. Fez o curso de Letras na Universidade Federal de Goiás- Regional Catalão.
Leda	1951 em Paracatu – Minas Gerais	Ano de 1968	<p>Iniciou sua vida docente em 1968 quando foi contratada pelos pais para dar aulas aos seus filhos na fazenda Funil, município de Catalão. Em 1971, é contratada pela prefeitura de Catalão para dar aula na Escola Isolada Santo Onofre; Em 1972, foi trabalhar na Escola Isolada Fazenda Cabaças, em Santo Antônio do Rio Verde - Distrito de Catalão. Era uma sala multi-seriada. Em 1973, foi para a Escola Reunida da Fazenda Pires, município de Catalão; Em 1974 é convidada a trabalhar na rede estadual no anexo III do Colégio Estadual João Netto de Campos, em Pires Belo, distrito de Catalão. Nesta escola foi professora de 5ª a 8ª séries. De 1977 a 1987 trabalhou neste mesmo colégio João Netto de Campos em Catalão com alunos de 5ª a 8ª séries (ensino fundamental). No ensino médio (Secretariado, Magistério e Colegial) atuou com as disciplinas: Português, geografia, história, OSPB, Educação Moral e Cívica, Canto, Ensino Religioso, Técnicas Agrícolas, Expressão Gráfica, Ciências, Direito e Legislação. Em 1983 foi coordenadora de turno no Colégio Estadual João Netto de Campos.</p> <p>Em 1993 volta a trabalhar com as escolas municipais. Após se aposentar no estado continua a exercer sua função nas escolas do município até o momento presente. No final deste ano de 2014, a professora conclui o curso de Direito no Centro de Ensino Superior de Catalão- CESUC.</p>
Gabriela	15 de abril de 1947 em Pontalina - Goiás	Ano de 1967 no dia 5 de março.	Foi alfabetizada aos 7 anos de idade no Grupo Escolar Dr. Pedro Ludovico Teixeira, em Pontalina-GO, onde fez 1ª, 2ª, 3ª e 4ª série primária. Depois foi para a escola Santa Rita de Cássia, onde fez o 1º, 2º, 3º e 4º ano ginásial. Fez o curso normal, no Colégio Santo Agostinho em Goiânia. Prestou vestibular na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal de Goiás e foi aprovada no curso de Ciências Sociais. Aos 17 anos, começou a dar aulas para o chamado “curso primário”, na Escola Dr. Brasil di Ramos Caiado, na cidade de Goiânia, em 1967. Pertenceu ao corpo docente (regente de classe) desta escola até 1970, quando assumiu a direção. Esta escola é municipal. Em 1969 prestou concurso público Estadual e foi trabalhar na Escola Dom Abel, no Setor Universitário, à noite. Foi convidada para dar aulas na Escola Estadual Olga Mansur. Ficou apenas um ano. Depois foi requisitada pela Secretaria de Educação para dirigir a Escola Dr. Brasil Di Ramos Caiado, também à noite. Foi colocada à disposição da prefeitura de Goiânia, onde ficou até Julho de 1976, quando então se casou e mudou para Catalão. Nesta

			cidade, foi trabalhar no Colégio Estadual João Netto de Campos, onde permaneceu até o dia 13 de outubro de 1992, quando se aposentou.
Maria Rita	25/03/1951 em Catalão- Goiás	Ano de 1976	Foi alfabetizada no Colégio Nossa Senhora Mãe de Deus em Catalão, em 1958. Concluiu o primeiro grau no Colégio Santa Marcelina em São Paulo. Em 1968, concluiu o curso Normal no Colégio Nª Sª Mãe de Deus. Fez o curso de Pedagogia pela Universidade Católica de Goiás. Iniciou sua carreira como coordenadora pedagógica do Colégio Estadual João Netto de Campos. Exerceu a função de diretora do Colégio. Nos seus últimos anos antes de se aposentar ministrou aulas no curso Técnico em Magistério. Toda sua trajetória profissional foi vivenciada nesta instituição.
Helena	02/09/1929, em Catalão- Goiás	Ano de 1944	Estudou somente no Colégio Nossa Senhora Mãe de Deus em Catalão, onde foi alfabetizada aos 7 anos, dando continuidade aos seus estudos fazendo o curso Normal (magistério). Começa a lecionar aos 17 anos como professora substituta para o Grupo Escolar 29 de outubro, em Catalão. Aposentou-se com 37 anos de carreira. Durante este período só deixou as salas de aula no período de 1960 a 1965 para trabalhar como orientadora da Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (CNEA). A formação recebida para este trabalho foi feita em Leopoldina, Minas Gerais. Em 1962 é designada para auxiliar na fundação do Centro de Treinamento de Professores leigos na cidade de Morrinhos, Goiás. De 1964 a 1965 trabalhou no Centro de Formação de Professor Primário de Emergência, em Catalão. Dentre os vários cursos de formação profissional destacamos: Curso Intenso de Português oferecido pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFG em Goiânia no ano de 1967; Curso de Extensão Universitária sobre Profissionalização do Magistério, pela Faculdade de Ciências e Letras de Araguari, Minas Gerais, no ano de 1970.

Fonte: Elaborado pela autora.

Em relação à faixa etária percebemos que a professora Helena possui uma diferença de duas décadas em relação à professora Gabriela e de três com as professoras Leda, Clara e Maria Rita, chamando nossa atenção para as concepções e práticas relatadas por Helena, as quais trazem, de forma mais acentuada, características de sua formação, principalmente no que diz respeito à relação professor-aluno. Outros dados, como cursos de formação inicial e continuada, ajudam-nos a conhecer o perfil de cada uma com o objetivo de compreender como se tornaram professoras, tema abordado a seguir, no Capítulo II.

## CAPÍTULO II COMO ME TORNEI PROFESSORA

### 2.1 Palavras Iniciais

Este capítulo tem por objetivo compreender como as professoras Clara, Gabriela, Maria Rita, Leda e Helena se tornaram professoras, as motivações que as levaram à escolha pelo magistério, ou mesmo os caminhos percorridos que as conduziram ao Colégio Estadual João Netto de Campos.

Para melhor compreensão da pesquisa alguns conceitos serão abordados, tais como: memória e subjetividade; formação inicial e ao longo da vida; identidade e docência; experiência e formação.

Sobre o processo de formação do ser humano, Bragança (2012, p. 63) esclarece que:

Do ponto de vista filosófico, pensar a formação traz o humano para o centro de nossa reflexão. Como sujeitos históricos, construímo-nos a partir das relações que estabelecemos com nós mesmos, com o meio e os outros homens e mulheres, e é assim, nessa rede de interdependência, que o conhecimento é produzido e partilhado. As interações humanas vão constituindo a cultura, e a educação consiste na apropriação – recriação – desse conhecimento acumulado pela humanidade; e, nesse sentido, o processo educativo permeia toda a vida humana. As instituições educativas se firmam como espaços sociais em que esse movimento se dá de forma sistematizada. Contudo, o processo educativo não se restringe a elas; pelo contrário, perpassa toda a vida humana. (BRAGANÇA, 2012, p. 63).

Como afirma Bragança, “construímo-nos a partir das relações que estabelecemos com nós mesmos, com o meio e os outros”. É nesse sentido que nossos olhares se voltaram para as pistas contidas nas narrativas (auto)biográficas das professoras formadoras. Desta feita, procuramos refletir sobre as questões: Quais fatores e pessoas influenciaram para que nossas entrevistadas se tornassem professoras? As instituições educativas por onde passaram enquanto alunas e depois como professoras contribuíram de que forma para suas escolhas? O que representou para elas serem professoras formadoras do Colégio Estadual João Netto de Campos?

Para Josso (2010, p. 35), “os processos de formação dão-se a conhecer, do ponto de vista do aprendente, em interações com outras subjetividades.” Sobre o conceito de subjetividade, a enciclopédia on-line<sup>36</sup> explica que

---

<sup>36</sup> Ver em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Subjetividade>. Acesso 13-12-2014.

A subjetividade é entendida como o espaço íntimo do indivíduo, ou seja, como ele 'instala' a sua opinião ao que é dito (mundo interno) com o qual ele se relaciona com o mundo social (mundo externo), resultando tanto em marcas singulares na formação do indivíduo quanto na construção de crenças e valores compartilhados na dimensão cultural que vão constituir a experiência histórica e coletiva dos grupos e populações.

Desse modo, entendo que as experiências formativas destacadas pelas professoras formadoras são fortemente marcadas pela subjetividade, o que também as torna únicas em sua singularidade.

O documentário sobre a vida do poeta Manoel de Barros, “Só dez por cento é mentira”<sup>37</sup>, utiliza vários recursos como entrevista com o poeta, versos de suas obras, depoimentos de pessoas amigas e leitores admiradores de suas obras para compor uma biografia inventada sobre sua vida. Frases como “de dentro de mim não saio nem para pescar” revelam o quanto nossa visão de mundo é permeada pela subjetividade. Pollak (1992, p. 203) ressalta que “a memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado.”

Assim, sem a pretensão de qualificar em verdades ou mentiras os acontecimentos evidenciados pelas memórias de nossas entrevistadas, debruçamo-nos sobre o “mundo interno” contido na história de vida de cada uma delas.

## **2.2 O que você vai ser quando crescer?**

Quem de nós já não se deparou com essa pergunta em algum momento de nossas vidas: “O que você vai ser quando você crescer?”

Acredito que essa é uma pergunta que a grande maioria das crianças já ouviu, formulada como se fizesse parte de uma brincadeira. Alguns de nós ainda guardamos em nossas memórias as abordagens feitas pelos adultos sobre as escolhas da profissão. É como abrir uma caixinha e dela saírem as lembranças de um tempo em que tudo era possível realizar. Para Bosi (1979, p. 48), “o passado não é o antecedente do presente, é a sua fonte.” Ao revisitarmos este passado e as memórias da nossa infância trazemos as brincadeiras preferidas como, por exemplo, de médico, dentista, bombeiro, professor, engenheiro, artista, cantor, mágico e tantas outras. Evidentemente, não estou me referindo às crianças do século XXI. Hoje, as brincadeiras são outras, o mundo das tecnologias mudou esse tempo de brincar nos quintais, subir em árvores e tantas outras brincadeiras que foram comuns em outros tempos, para outra geração. Geração da qual eu também faço parte. Era um tempo dedicado às

---

<sup>37</sup> *Só Dez por Cento é Mentira*, de Pedro Cesar (Brasil, 2008, 82min). Livre. Estreou em 29-01-2010. Unibanco Artiplex 5. Ver em <http://www.sodez.com.br/noticias.htm>. Acesso 13-12-2014.

brincadeiras. Pensar no que gostaria de ser quando me tornasse adulta era algo que parecia muito distante da realidade em que eu vivia. Como a grande maioria das crianças daquele tempo, as brincadeiras eram o meu foco principal. Meu tempo era dividido entre a escola e as idas e vindas às fazendas dos meus tios. Ainda me lembro das histórias de fantasmas e aparições contadas por eles ao cair da tarde, depois da lida diária. Sobre esse contato das crianças com os mais velhos, Bosi (1994) explica que:

A criança recebe do passado não só os dados da história escrita; mergulha suas raízes na história vivida, ou melhor, sobrevivida, das pessoas de idade que tomaram parte na sua socialização. Sem estas haveria apenas uma competência abstrata para lidar com os dados do passado, mas não a memória. Enquanto os pais se entregam às atividades da idade madura, a criança recebe inúmeras noções dos avós, dos empregados. Estes não têm, em geral, a preocupação do que é “próprio” para crianças, mas conversam com elas de igual para igual, refletindo sobre os acontecimentos políticos, históricos, tal como chegam a eles através das deformações do imaginário popular. (BOSI, 1994, p. 73).

Indo ao encontro do que Bosi esclarece sobre o papel de outras pessoas, principalmente as mais velhas, na socialização das crianças, evidenciamos nas memórias da professora Clara experiências semelhantes vivenciadas ao lado do tio (irmão de sua mãe). Clara nos relata que, conforme as histórias contadas por sua mãe, ela começou a estudar com cinco anos e que naquela época não havia professor na fazenda onde morava. Diante de tal situação, seu tio foi o responsável pela alfabetização dela e do irmão:

Nesta época eu já estava em idade escolar. Minha mãe tinha um irmão que sofreu um acidente e ele ficou paraplégico da cintura para baixo. Ele não tinha movimentos, ele ficou na cama porque ele não aceitou ficar na cadeira de rodas. Até o fim da vida ele era carregado. E aí esse irmão da minha mãe alfabetizou a gente. Lembro até o jeito dele de alfabetizar, me ensinou a ler, com os métodos dele. Guardo algumas recordações do método dele de nos ensinar o alfabeto, as sílabas e a disciplina. Ele é meu tio, meu padrinho e me alfabetizou.

Apesar da pouca idade que possuía na época, ela consegue se lembrar de detalhes que marcaram esse tempo em suas memórias, principalmente quando diz “lembro até o jeito dele de alfabetizar”. Estas experiências, de alguma forma, estão relacionadas à sua concepção de aprendizagem.

Gatti (2007, p. 10) ressalta que “quem pesquisa procura descrever, compreender ou explicar alguma coisa.” Nesse sentido, procuro nos memoriais e narrativas das professoras Leda, Clara, Gabriela, Maria Rita e Helena pistas sobre as experiências formativas de cada

uma delas. Acredito que compreender a formação que receberam está diretamente relacionado às suas escolhas profissionais. São muitos os fatores que determinam a entrada no magistério mostrando, na maioria das vezes, uma visão idealizada da profissão docente. Diante disso, cada vez mais têm surgido pesquisas com o objetivo de compreender, nas trajetórias pessoais, as razões que levam à escolha pela docência.

### 2.3 “Foi um desafio muito grande”<sup>38</sup>

Clara relata que fez o magistério por fazer, “eu não tinha noção, eu não sabia o que queria fazer.” Como já trabalhava naquela época em outra atividade, optou por fazer o curso normal, como era chamado naquela época, porém, sem nenhuma expectativa de dar continuidade aos estudos: “Fiz porque tinha o magistério no período noturno no colégio<sup>39</sup> onde eu já estudava, chamava-se normal. Era o normal e científico na época, científico era quem queria seguir, estudar mais e eu não tinha essas pretensões”. Em sua narrativa, a professora diz que não teve nenhuma orientação de seus pais no sentido de dar continuidade aos estudos: “A visão de ter um futuro na educação não foi em mim despertada, nunca pensei em ser professora”.

Conforme Alheit e Dausien (2006, p. 187. Destaques dos autores), “o papel da formação no percurso de vida não se limita, no entanto, à *fase preparatória*, ele estrutura, sob a forma de um encadeamento de escolhas efetuadas e de direcionamentos, o desenrolar completo do currículo biográfico”. Observando os direcionamentos tomados pela professora Clara, após concluir o curso de magistério ela é aprovada em um concurso público estadual, dando início, assim, à sua carreira no magistério.

Wolney: Quando terminou o magistério já foi logo trabalhar com educação?  
Clara: Não, eu continuei trabalhando fora, no cartório de ofício de imóveis. Casei, tive minhas três filhas, gastei uns 9 anos prá criar essas filhas, passado uns três anos...eu achava assim não vou trabalhar fora mais não, meu marido estava até bem de vida, e patrão exigindo que eu trabalhasse o dia todo. Eu não dava conta de trabalhar o dia todo, então pensei vou sair, e sai do serviço, fiquei quase doida! Estava acostumada a trabalhar fora a vida inteira! Inventei um punhado de serviço, costurei para fora, fiz bolo de aniversário e apareceu um concurso do estado na época do Henrique Santillo<sup>40</sup>, governador. Aí minha cunhada me falou assim: vamos fazer o

---

<sup>38</sup> Afirmativa da professora Clara em relação a ser professora do curso de magistério.

<sup>39</sup> Colégio Estadual João Netto de Campos onde Clara estudou desde que veio da zona rural, até terminar o segundo grau.

<sup>40</sup> Governador do Estado de Goiás (1987-1991).

concurso de professora? Falei: vamos! Fiz, passei e entrei e ela não passou, e ela é que tinha vontade. Quando saiu o resultado achei ótimo!

A primeira constatação que podemos fazer baseada nos relatos de Clara é que a iniciativa de fazer um concurso não partiu dela. Apesar de sua formação, foi necessário um incentivo de outra pessoa, no caso, um convite de sua cunhada.

Em segundo lugar, a profissão de professor surge como uma opção de conciliar família e trabalho. Dividida entre os afazeres da casa e a escola, onde dava aula para crianças das séries iniciais, sentiu a necessidade de dar continuidade à sua formação. Após fazer um ano de cursinho pré-vestibular prestou o processo seletivo para ingressar no curso de Letras na Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão: “Meu curso foi muito bem feito, me esforcei o máximo, dei o melhor de mim. Realizei-me pessoalmente, cresci em todos os sentidos”.

Intrigante observar o percurso seguido por Clara, que um dia foi aluna do Colégio Estadual João Netto de Campos, e, tempos depois, volta a este mesmo estabelecimento de ensino na condição de professora do curso de magistério: “Foi um desafio muito grande entrar em um curso como o magistério, que além do mais ele dava base para o vestibular.” Sentindo-se motivada e confiante com as experiências advindas do curso normal, como era nomeado naquela época, a professora se submeteu a um concurso para ser professora universitária na Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão. Apesar de não ter conseguido ingressar, considera que estava preparada para este novo desafio: “Uma vez tentei trabalhar aqui, fui a Goiânia, fiz um concurso, fiquei decepcionadíssima!”.

A busca pela valorização profissional não está restrita somente à possibilidade de obtenção de um salário melhor. Ser professor universitário pode estar associado à visibilidade, deferência e respeito por parte dos alunos, pais, colegas de profissão conferindo *status* social e financeiro. Diante disso, para quem nunca tinha pensado em ser professora um dia, Clara demonstra interesse em continuar a se qualificar. “Eu fui para o magistério porque o curso superior para mim foi uma realização pessoal.” Após a graduação, fez dois cursos de especialização, sendo um deles na UFG - Regional Catalão.

## 2.4 Não queria fazer outra coisa<sup>41</sup>

Eu estudava era francês,  
era piano  
e não queria fazer outra coisa,

---

<sup>41</sup> Afirmativa da professora Maria Rita em relação ao que gostaria de fazer.

não pensava em outra coisa,  
era só música<sup>42</sup>.

Os relatos da professora Maria Rita revelam que sua formação é permeada pelas diversas influências dos meios escolar, social e familiar com os quais conviveu. Ela nos conta que até chegar ao curso de graduação sempre estudou em colégios dirigidos por freiras. Sua mãe foi a responsável pelas decisões sobre onde e quando estudar, revelando ser ela a parte forte e determinante em sua formação.

Apesar de ter sentido a ausência do convívio familiar, reconhece que este distanciamento foi necessário para sua formação. Conforme Dominicé (1988, p. 59), “a família é muitas vezes um lugar de confronto. Obriga a oposições para nos afirmamos e alcançarmos os nossos fins.” A narrativa de Maria Rita aponta para esse “confronto” familiar. Onde e quando estudar foi algo praticamente determinado por sua mãe, seguindo um costume comum destinado às jovens de classe média de sua cidade naquele tempo. Assim, ela explica: “na 2ª série eu fui estudar em São Paulo, em um colégio interno, parece que era moda na época. Era sempre a minha mãe bem mais preocupada com estas partes aí de escola”.

Antes de fazer o curso de Pedagogia, Maria Rita tinha outros planos, pensava em seguir outra carreira, influenciada pela educação recebida nos colégios confessionais onde estudou.

Eu estudava era francês, era piano e não queria fazer outra coisa, não pensava em outra coisa, era só música. Amava francês, gostava demais! Influência do colégio Santa Marcelina, a gente estudava latim, francês e inglês. Então eu gostava do francês, fiz aliança francesa uns dois anos. Quando eu tomei bomba no vestibular para o Conservatório é que aí eu quis tentar outra coisa, mas aí já tinha passado o vestibular da UFG, então eu fiz pedagogia na católica.

No primeiro ano de Faculdade eu comecei a trabalhar, logo no primeiro ano já quando meu pai morreu, em 70. Meu pai morreu, eu estava no primeiro ano. Ai eu tive que começar a trabalhar para me manter lá em Goiânia<sup>43</sup>.

A primeira escolha profissional de Maria Rita era ser pianista, como podemos observar em suas afirmações. Fazer o curso de Pedagogia, a princípio, não estava em seus planos. A morte de seu pai trouxe mudanças em sua vida, inclusive de ordem financeira, e se tornou necessário trabalhar para manter seus estudos. Quando a indagamos se queria ser professora ela nos esclarece: “O meu negócio mais era empurrado pela minha mãe, para você ver, nunca parei para pensar isso!”.

---

<sup>42</sup> Professora Maria Rita.

<sup>43</sup> Narrativa da professora Maria Rita.

As memórias trazidas pela professora Maria Rita sobre suas experiências formativas são fortemente carregadas pelo rigor das escolas dirigidas por freiras, o que, provavelmente, serviu como referencial para seu trabalho, constituindo sua identidade formativa, caracterizando seu modo de agir diante de determinadas situações que compõem o cotidiano escolar. Ela nos relata, por exemplo, como era o tratamento dispensado aos alunos em uma das escolas onde estudou: “No colégio de freiras quando a Madre superiora passava você tinha que abaixar a cabeça, você não podia olhar no olho dela”.

Esse tipo de comportamento é característico de uma educação que, hoje, as crianças já não vivenciam mais. É o domínio e o poder exercido sobre os corpos, são marcas comuns de outros tempos. Sobre esse domínio, Foucault (1987, p. 163) explica que:

Houve, durante a época clássica, uma descoberta do corpo como objeto e alvo de poder. Encontraríamos facilmente sinais dessa grande atenção dedicada então ao corpo – ao corpo que se manipula, se modela se treina, que obedece, responde se torna hábil ou cujas forças se multiplicam.

O pensamento de Foucault nos possibilita compreender de que maneira as noções de normas, hierarquizações e as relações de poder foram estabelecidas historicamente, o que me faz lembrar também da minha própria educação. No olhar de meus pais e professores estavam implícitas várias mensagens, geralmente disciplinares, inibidoras. Quando Maria Rita nos conta algumas atitudes por ela tomadas enquanto professora em suas relações com seus pares e alunos do Colégio Estadual João Netto de Campos, ela justifica sua forma de agir balisada no rigor da educação recebida.

Eu lembro também de outra passagem com um aluno de 5ª série, primeiro dia de aula. Tinha um canteiro no meio lá da escola, aquilo a gente cuidava assim, como se fosse da casa da gente! E o menino atravessou aquilo ali, não era cercado aquilo ali. O menino atravessou e eu o chamei, aí o menino chegou e falou assim: já sei da próxima vez eu não posso fazer isso! Falei: não meu filho, você não vai ter próxima vez, você vai embora agora! Pode passar na secretária. Então eles tinham medo de mim.

Ao contrário de Maria Rita, que não pensava em ser professora, Leda nos revela que o magistério começa de forma precoce em sua vida. Em seu memorial escreve: “eu comecei a pensar lá pelos 12, 13 anos, eu vou ser uma professora!” Esse desejo surgiu por influência de seu pai, que também era professor na zona rural: “Aos 12, 13 anos eu já dava aula porque meu pai era professor, então muitas das vezes eu o substituí”. Leda esclarece:

Naquela época era muito difícil, a gente morava no Município. Era difícil de trabalho e meu pai veio para Catalão também porque alguém o convidou para dar aula particular em uma fazenda. Meu pai começou a dar aula com apenas a 4ª série também. Depois ele foi fazendo cursos.

A professora Leda estudou até a 4ª série primária na zona rural, tendo como único professor o próprio pai, que também a alfabetizou. Com apenas essa formação inicial, ela começa sua vida profissional e nos conta: “Em 1971 eu fui convidada a dar aula e só tinha 4º ano, naquela época falava 4ª série do primário. Eu fui convidada pelos pais de alunos lá onde a gente morava, fica perto de Santo Antônio do Rio Verde<sup>44</sup>”. Leda demonstra em sua fala sentir respeito e admiração pelo pai. Observamos que o aspecto afetivo foi evidenciado em suas memórias. Segundo Josso (2010, p. 34),

A formação encarada pelo ponto de vista do aprendente torna-se um conceito gerador em torno do qual vêm agrupar-se, progressivamente, conceitos descritivos: processos, temporalidade, experiência, aprendizagem, conhecimento e saber-fazer, temática, tensão dialética, consciência, subjetividade, identidade. Pensar a formação do ponto de vista do aprendente é, evidentemente, não ignorar as disciplinas das ciências do humano. Contudo, é também virar do avesso a sua perspectiva ao interrogarmo-nos sobre os processos de formação psicológica, psicossociológica, sociológica, econômica, política e cultural, que tais histórias de vida, tão singulares, nos contam. Em outras palavras, procurar ouvir do lugar desses processos e de sua articulação na dinâmica dessas vidas.

Interessante observar a singularidade contida nas histórias de vida de cada uma de nossas entrevistadas. Josso, anteriormente, alerta-nos para o cuidado em ouvir “do lugar desses processos e de sua articulação na dinâmica dessas vidas.” Ouvir a história da formação a partir da perspectiva do sujeito, o que nos possibilita compreender a dinâmica dos caminhos e experiências que constituíram a formação docente das professoras envolvidas nesta pesquisa.

Na história de vida de Leda podemos considerar dois fatos marcantes que colaboraram para que se tornasse professora: primeiro, podemos atribuir ao pai os primeiros contatos com a docência; depois, aos pais dos alunos residentes no município de Santo Antônio do Rio Verde que propuseram pagá-la para dar aula aos seus filhos. Neste caso, não me parece uma escolha feita por Leda se tornar professora daquelas crianças. A princípio, podemos atribuir este fato à força da necessidade devido à precariedade da educação rural.

---

<sup>44</sup> É um distrito do município de Catalão, mais informações visitar o site: <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?langdos=&codmun=520510&search=%7Catalao>

Não havia ninguém que pudesse substituir o pai na sala de aula. Depois, a questão econômica aparece também como um dos fatores que a conduziram à docência.

Segundo Josso (2010), são muitas as perspectivas a considerar no processo de formação do sujeito, afinal, nossas escolhas passam por elementos estruturais precisos, como questões econômicas, políticas, educacionais, entre outras.

São múltiplos os fatores que envolvem a formação das professoras formadoras, a contar pelas primeiras relações afetivas vivenciadas na infância, bem como nas instituições educativas. Isso me faz acreditar que a formação e a profissionalização caminham no mesmo sentido, em um movimento contínuo, buscando o alcance da realização pessoal e profissional de cada um.

Nóvoa (1992, p. 25) destaca que “a formação de professores não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou técnicas), mas, sim, através de um trabalho de flexibilidade crítica sobre as práticas de re(construção) permanente de uma identidade pessoal”. Dessa maneira, entendo que a formação vai além dos conhecimentos adquiridos por meio dos vários cursos que fazemos durante toda a vida. Os conhecimentos vêm agregados a uma prática reflexiva sobre o saber fazer do professor, o qual envolve vários aspectos do cotidiano escolar, tais como: a produção do conhecimento, o saber fazer, a relação professor e aluno, a relação entre escola e sociedade, dentre outros.

O tempo e as circunstâncias vividas pelos sujeitos nos ajudam a compreender a formação de sua identidade. Tendo em vista que a identidade é um processo de construção do sujeito historicamente situado, acredito, em consonância com Pimenta (1999, p. 19), que:

Uma identidade profissional se constrói, pois, a partir da significação social da profissão, da revisão constante dos significados sociais da profissão: da revisão de tradições. Mas também da reafirmação de práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas. Práticas que resistem a inovações porque prenes de saberes válidos às necessidades da realidade. Do confronto entre as teorias e as práticas da análise sistemática, à luz das teorias existentes, da construção de novas teorias. Constrói-se, também, pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor, confere à atividade docente no seu cotidiano a partir de valores, de seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, de seus saberes, de suas angústias e anseios, do sentimento que tem em sua vida o ser professor. Assim como a partir de sua rede de relações com outros professores, nas escolas, nos sindicatos e em outros agrupamentos.

Para o autor, a identidade profissional pode mudar de significado uma vez que ela está sujeita às constantes mudanças e conotações sociais. Qual o valor, o significado de ser professor atribuído em sua história de vida? Que implicações traz para seu mundo cotidiano

tal profissão? Essa “significação social da profissão” sobre a qual o autor se refere nos ajuda a compreender a complexidade das histórias de vida das professoras formadoras. Cada uma delas tenta nos transmitir, por meio das narrativas, suas representações, angústias e conquistas.

A identidade para Nóvoa (1992, p. 16) “é um lugar de lutas e conflitos, é um espaço de construção de maneira de ser e de estar na profissão. Por isso, é mais adequado falar em processo identitário, realçando a mescla dinâmica que caracteriza a maneira como cada um se sente e se diz professor.”

Muitos pesquisadores têm se dedicado ao estudo da constituição da identidade profissional docente, sob diferentes perspectivas. Dubar (2005), numa perspectiva sociológica, propõe uma ampla reflexão sobre a construção das identidades sociais e profissionais fazendo uma discussão de algumas teorias centradas nos processos de socialização. Para o autor, a discussão em torno da “crise das identidades” vem sendo feita sem a devida atenção ao significado que engloba tal expressão, que inclui desde as dificuldades de inserção profissional dos jovens até o aumento das exclusões sociais. Na introdução do livro “A socialização: construção das identidades sociais e profissionais” Dubar (2005, s/p. Destaques do autor) esclarece que,

A identidade de uma pessoa é o que ela tem de mais valioso: a perda de identidade é sinônimo de alienação, sofrimento, angustia e morte. Ora, a identidade humana não é dada, de uma vez por todas, no nascimento: ela é construída na infância e, a partir de então, deve ser reconstruída no decorrer da vida. O indivíduo jamais a constrói sozinho: ele depende tanto dos juízos dos outros quanto de suas próprias orientações e definições. A identidade é produto das sucessivas socializações [...] Entre as múltiplas dimensões da identidade dos indivíduos, a dimensão profissional adquiriu uma importância particular. Por ter se tornado um bem raro, o **emprego** condiciona a construção das identidades sociais; por passar por mudanças impressionantes, o trabalho obriga a transformações identitárias delicadas; por acompanhar cada vez mais todas as modificações do trabalho e do emprego, a **formação** intervém nas dinâmicas identitárias por muito tempo além do período escolar.

Para o autor, a construção das identidades envolve a relação que o sujeito estabelece com o outro e com as instituições, mediante um mercado de trabalho, que traz mudanças sociais constantes em um processo acelerado, levando às transformações identitárias. Para o autor, a construção das identidades não é como um presente que se possa ofertar a alguém, é um processo que dura a vida toda, começando na infância. Investigar a construção da identidade profissional do professor implica investigar as mudanças que ocorrem ao longo da

vida e de que maneira essas mudanças interferem nas concepções do professor acerca de sua formação e de sua profissão.

Maria Rita e Leda, apesar de possuírem em comum a mesma profissão, apresentam processos identitários diferentes. Nesse sentido, Dubar (2005) afirma que o trabalho se tornou um “bem raro”, pois que determina a construção das identidades sociais. Cada uma das entrevistadas, com suas lutas e conflitos, foi se constituindo enquanto professora. As motivações que as levaram a trilharem o caminho da docência são permeadas por vários fatores, dentre eles, a luta pela sobrevivência. Ser professora naquela época talvez fosse a única oportunidade de trabalho a que tinham acesso.

As experiências escolares de cada uma são carregadas de representações distintas. Enquanto Maria Rita teve um ambiente escolar austero, repleto de normas a serem cumpridas, Leda praticamente o teve como extensão da própria casa, era algo muito familiar, pois foi através de seu pai que tudo começou.

Todos nós, de certa forma, criamos expectativas em relação àquilo que escolhemos fazer. A atividade docente pode representar para alguns, como no caso da professora Leda, aquilo que realmente desejou fazer algum dia. A partir dos valores e do modo de se situar no mundo as professoras expuseram em suas histórias de vida seus sentimentos, atribuindo-lhes significados.

Quanto ao potencial da história de vida, Abrahão (2004, p. 9) esclarece que esta [...] “revela-nos o que aconteceu e o que, dos acontecimentos, se reteve. Dá visibilidade à personalidade da pessoa em foco, manifesta os seus anseios, as suas realizações. Mas também as suas frustrações. Revela ideais e valores.” Ao socializar suas memórias, Clara dá visibilidade à “professora” que se tornou, procurando colocar em evidência suas qualidades profissionais e pessoais. Ao indagarmos o que significou ser professora do Colégio Estadual João Netto de Campos, ela explicou, com muita tranquilidade e um brilho no olhar: “Ah, foi bom, me deu um status!”.

Conforme Pollack (1992, p. 204),

Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros.

Dessa forma, cada um constrói a imagem de si próprio como gostaria que os outros o vissem. É uma imagem construída ao longo da vida como se fosse uma marca registrada, sua identidade. É como dizer: eu sou assim, vejo-me e me reconheço desta maneira.

Há poucos dias encontrei um ex-aluno da primeira turma quando iniciei a carreira no magistério. Entre uma conversa e outra descobri que ele gostava de me cumprimentar chamando de “professora”. Ele perguntou se isso incomodava, o que me fez lembrar a imagem que, ao longo do tempo, fui construindo de mim mesma, de como também me vejo e me reconheço diante dos outros enquanto a professora que me tornei. Então, resolvi lhe dizer que “professora” era como eu gostaria de ser reconhecida, era como me via e sentia. Era a imagem que fui construindo ao longo da vida, portanto, fazia parte de minha identidade.

## **2.5 Fui professora por necessidade e por acaso<sup>45</sup>**

Eu fui professora por necessidade e por acaso. Hoje é uma profissão que eu nunca escolheria. Se bem que eu lecionei esse tempo todo que não sei assim mais da quantidade de anos, mas eu não escolheria mais. Fui ser professora por força da necessidade, até vamos dizer, mais financeira<sup>46</sup>.

Prestes a completar 85 anos em setembro de 2014, a professora Helena protagonizou, em sua história de vida, experiências educativas ímpares relativas à história da educação em Catalão. Helena é uma daquelas pessoas que foi agraciada pela longevidade e pela lucidez de suas memórias. Embora comece sua narrativa afirmando para nós que tinha se tornado professora “por necessidade e por acaso”, o que estava por vir em seus relatos culminou em um paradoxo em nossas reflexões sobre a profissionalização desta professora.

Helena, ao contrário das professoras Leda e Maria Rita, que tiveram na figura paterna e materna os motivadores da formação, tem em sua irmã todo seu referencial profissional. Sua base de formação esteve presente como um exemplo a seguir: “Então, quer dizer que a gente viveu sempre dentro da educação”<sup>47</sup>.

A casa em que Helena mora é impregnada da história de sua formação. Nas paredes da pequena biblioteca estão pendurados retratos e diplomas. Nas prateleiras da pequena estante, composta por livros, alguns objetos e álbuns de fotografias estão ali como uma forma

---

<sup>45</sup> Depoimento feito pela professora Helena.

<sup>46</sup> Professora Helena.

<sup>47</sup> Afirmativa feita pela professora Helena em sua narrativa.

de perpetuar a história formativa de sua família. Fomos convidados a conhecer esta parte da casa de Helena, que é quase um santuário para ela. Conhecer o modo como a professora vive nos possibilitou compreender as conexões entre os vários espaços por ela experienciados. Cada objeto ali está ligado à sua própria história de vida. Para Moita (2007, 115), “o processo de formação pode assim considerar-se a dinâmica em que se vai construindo a identidade de uma pessoa”.

Wolney: Então, D. Helena, depois que fez normal foi dar aula por necessidade, aprendeu a gostar da profissão?

Helena: Na sala de aula o contato com os alunos graças a Deus eu nunca tive dificuldades, pelo contrário, só fiz amigos. É claro que todos nós temos nossos desafetos, quer queira, quer não queira. Ou por um ciúme, ou por uma causinha mesmo, qualquer coisa. Mas eu sempre tive muita disciplina na aula e graças a Deus consegui passar alguma coisa para meus alunos. Eu sou péssima em conhecimentos, mas aquilo que eu passo para as pessoas e que eu tenho consciência de que é aquilo, eu consigo passar.

As identidades do professor também se baseiam no saber das áreas específicas: saberes pedagógicos e saberes da experiência. É na articulação desses saberes com os desafios da prática educativa do cotidiano que o professor constrói e aprimora o seu ser professor. Helena deixa evidente a segurança quanto à sua forma de transmitir os conhecimentos e sobre os seus saberes. Nesse sentido, Tardif (2010) defende que os saberes docentes são saberes plurais, sendo constituídos por diferentes fatores, como por exemplo: o profissional, que reúne o conjunto de saberes transmitidos pelas instituições de formação de professores; os saberes disciplinares, os quais correspondem ao diverso campo de conhecimento; os curriculares, que são compostos pelos programas escolares; e os experienciais, que resultam de todos os saberes utilizados na prática, no cotidiano do professor. Esse conjunto de saberes é de fundamental importância para a práxis docente. Porém, conforme nos esclarece Tardif (2010, p. 37),

a prática docente não é apenas um objeto de saber das ciências da educação, ela é também uma atividade que mobiliza diversos saberes que podem ser chamados de pedagógicos. Os saberes pedagógicos apresentam-se como doutrinas ou concepções provenientes de reflexões sobre a prática educativa no sentido amplo do termo, reflexões racionais e normativas que conduzem a sistemas mais ou menos coerentes de representação e de orientação da atividade educativa.

Tardif (2010) chama a atenção para o uso dos saberes enquanto uma doutrina que traz para o professor um receituário do saber fazer e das técnicas a serem utilizadas em seu cotidiano. É o caso dos saberes didáticos ressaltados na entrevista com a professora Leda

advindos de suas aprendizagens e experiências adquiridas enquanto aluna do curso de magistério no Centro de Formação de Professores, no ano de 1972: “Eu aprendi muito porque aumentou o meu conhecimento praticamente o didático para dar aula. Porque até então eu assimilava, acompanhava o que eu via, aprendi com meu pai dando aula”.

## **2.6 Caminhos percorridos em busca da formação**

Chegamos até aqui, ao final deste capítulo, com o desafio de abstrair das narrativas das entrevistadas as trajetórias percorridas que as levaram à profissão enquanto professoras. Dubar (2005) explica que a identidade é o que a pessoa tem de mais precioso, sendo sua perda motivo de sofrimentos, angústia e morte. Neste processo dual imposto entre vida e morte coexistem as lutas diárias pela sobrevivência, posto que cada decisão tomada no sentido de realizar algo é uma forma de dizer das nossas escolhas.

O início da escolarização de Clara tem como marca a ruralidade devido ao lugar onde nasceu e passou boa parte de sua infância. Traz em suas memórias o tempo em que foi alfabetizada pelo próprio tio, irmão de sua mãe, sendo que o mesmo não possuía formação de professor. Depois de concluir a 4ª série se mudou para a cidade de Catalão para dar continuidade aos seus estudos.

Estudou no Colégio Estadual João Netto de Campos de onde só saiu após concluir o curso normal. Embora não tenha pensado ser professora foi em busca desta profissão movida pela necessidade de trabalhar. Uma vez inserida no processo, e enquanto professora das séries iniciais, buscou novos cursos dando continuidade a sua formação.

Leda traz em comum com a professora Clara o fato de ter nascido e estudado na zona rural. Outro ponto em comum é quanto à alfabetização, efetivada pelo pai, que já era professor em uma escola do município onde moravam. Sua formação foi permeada por muitas lutas. Seu maior sonho era ter um diploma. Leda teve não apenas um diploma, afinal, em suas narrativas, a formação continuada esteve sempre presente. Hoje, mesmo estando aposentada ela continua estudando.

Gabriela nasceu e estudou até a 8ª série em uma pequena cidade do interior de Goiás. Como filha única teve uma educação privilegiada, indo estudar na capital e dando seguimento a sua formação. Fez o curso de magistério e, após concluí-lo, ingressou na carreira docente por uma questão de sobrevivência. Logo prestou concurso municipal e estadual e começou a trabalhar. Dando continuidade a sua formação fez Ciências Sociais. Ela conclui suas narrativas nos dizendo que nunca pensou em ter outra profissão a não ser de professora.

Maria Rita teve sua formação inicial em um tradicional colégio de freiras em Catalão. Para dar continuidade a seus estudos foi enviada pela mãe para outro colégio administrado por freiras na cidade de São Paulo – SP, permanecendo ali em regime de internato. Esse tempo que passou com as freiras trouxe marcas profundas em sua personalidade pelo rigor da educação recebida. Quando voltou de São Paulo foi estudar em Goiânia para dar continuidade à sua formação. Fez licenciatura em Pedagogia pela necessidade de trabalhar e se sustentar. Sua primeira opção era a música e não o magistério.

Helena nasceu praticamente dentro de uma escola! Toda sua trajetória está vinculada à história de sua irmã, que também era professora. Ao longo dessa fase de sua vida foi alfabetizada por esta irmã em sua própria casa onde ela possuía uma escolinha particular para ajudar no sustento. Ao longo do tempo essa irmã se tornou todo seu referencial, fonte de inspiração na vida pessoal e profissional. Depois de alfabetizada estudou no colégio Nossa Senhora Mãe de Deus em Catalão - GO, de onde saiu após concluir o magistério. Iniciou logo após sua carreira no magistério lecionando para alunos das séries iniciais. Anos mais tarde também foi lecionar no Colégio Estadual João Netto de Campos. Durante sua trajetória formativa fez vários cursos, dentre eles, para coordenadora de um programa federal para erradicação do analfabetismo realizado em Minas Gerais. Tal formação lhe conferiu várias experiências educativas.

As informações sobre o percurso de cada uma dessas professoras ajudam a compreender sobre os caminhos que percorreram para chegarem a ser professoras, como a identidade formativa de cada uma delas foi construída. No capítulo três serão evidenciadas algumas experiências formativas destas professoras para que consigamos compreender como as suas concepções de docência foram sendo construídas ao longo de suas trajetórias de vida.

## CAPÍTULO III

### CONCEPÇÕES DE FORMAÇÃO DAS PROFESSORAS FORMADORAS

O processo de formação designa um conjunto de transformações realizadas pelo sujeito tanto sobre si mesmo (naquilo que chamamos de vida interior) e na sua relação consigo mesmo quanto nas interações sociais e em relação com o meio ambiente. Essas transformações se fazem num duplo movimento de integração de novas dimensões e de abandono de dimensões anteriores. A narrativa de formação faz aparecer esse duplo movimento numa temporalidade complexa. Com efeito, as transformações ocorrem progressivamente num período mais ou menos longo, segundo sua amplitude. As imbricações entre o antigo e o novo, que manifestam um trabalho interior de ajustamento, de recomposição de uma coerência, podem levar de vários dias a vários meses e até vários anos.

Marie-Christine Josso<sup>48</sup>

#### 3.1 Palavras iniciais

Este capítulo tem como objetivo compreender a concepção de docência das cinco professoras participantes da pesquisa. Josso (2010) esclarece que a formação é um conjunto de transformações que se processa de forma progressiva em suas múltiplas interações com o mundo interior e suas relações com o meio em que o sujeito vive. As narrativas das professoras nos possibilitam fazer algumas reflexões sobre a maneira como “as imbricações”, ou seja, as aprendizagens antigas e novas se misturam e integram entre si ao longo de seus processos formativos. Ou, ainda, que concepções de formação germinaram desse processo complexo que une história pessoal e profissional?

Historicamente, o ofício de professor se tornou profissão pela intervenção do Estado, legitimando ideologicamente o seu poder no processo de reprodução social, e, dessa forma, tirando da Igreja Católica a responsabilidade legal pelo ensino. O autor português Antônio Nóvoa (1992), ao falar sobre as mudanças ocorridas ao longo dos séculos XIX e XX, apresenta várias reflexões sobre a história da formação de professores. Uma delas é a ideia de visão missionária atribuída ao ofício de professor, que foi cuidadosamente disseminada ao longo do século XIX. Conforme Nóvoa (1992, p. 02), “consolida-se uma imagem do professor, que cruza as referências ao magistério docente, ao apostolado e ao sacerdócio, com a humildade e a obediência devidas aos funcionários públicos.” Essa visão missionária do professor com ênfase na valorização das qualidades e compreensão da pessoa humana não só consolida como perpassa o século XX. Nóvoa (1992, p. 03) explica que

---

<sup>48</sup> Josso (2010, p. 205).

as escolas normais são instituições criadas pelo Estado para controlar um corpo profissional, que conquista uma importância acrescida no quadro dos projectos de escolarização de massas; mas são também um espaço de afirmação profissional, onde emerge um espírito de corpo solidário. As escolas normais legitimam um saber produzido no exterior da profissão docente, que veicula uma concepção dos professores centrada na difusão e na transmissão de conhecimentos; mas são também um lugar de reflexão sobre as práticas, o que permite vislumbrar uma perspectiva dos professores como profissionais produtores de saber e de saber-fazer.

Muitas mudanças ocorreram no final desse período, tanto para os professores do ensino primário como para os do ensino secundário. Por exemplo, a solidificação das instituições de formação de professores, a forte presença da figura feminina entre o professorado, bem como as modificações sociais e econômicas do corpo docente.

Pensar nessas mudanças nos ajuda a compreender o perfil, a forma de pensar e agir de uma boa gama do professorado.

A presença do Estado no campo educativo é marcada pela passagem de um controle administrativo para um controle ideológico. A educação se constituiu como um espaço que reúne interesses diferentes, conflitantes. Saber e poder representam perspectivas educativas e ideológicas diferentes, o que traz a necessidade de delimitar o espaço e a autonomia da profissão docente. Nóvoa (1992, p. 04) ressalta que “o confronto entre os distintos projectos passa sempre pela arena da formação de professores. É aqui que se produz a profissão docente”.

Evidenciamos, em alguns momentos das narrativas das professoras participantes dessa pesquisa, concepções de formação docente que trazem esta visão missionária citada por Nóvoa (1992). São ideias implantadas e perpetuadas ao longo do tempo. Por exemplo, a visão elaborada da profissão de professor como uma profissão mais direcionada para o sexo feminino. São concepções que aparecem em seus relatos quando destacam as poucas oportunidades de trabalho existentes para as mulheres em uma cidade pequena do interior, como afirma a professora Helena: “Na época era a melhor profissão que tinha na cidade para uma moça recém-formada”.

### **3.2 Como elas nos contam: o que sabiam e como faziam**

Clara, Leda, Gabriela, Maria Rita e Helena tiveram como base de sua formação os preceitos postulados na pedagogia tradicional, em que a ênfase é dada ao professor em detrimento do aluno. Competia ao professor toda e qualquer iniciativa, ele era considerado o

sujeito do processo. Foi dentro dessa concepção de ensinar e aprender e se relacionar com os alunos que um dia elas foram alunas e se tornaram também professoras.

Enquanto professoras do curso Técnico em Magistério do Colégio Estadual João Netto de Campos se depararam, em um dado momento histórico, com propostas de mudanças impostas pela pedagogia tecnicista. A formação de qualquer profissional deve ser analisada sob a perspectiva de que essa formação é intencionalmente planejada para efetivação de determinadas práticas sociais, o que nos chama a atenção para as dificuldades com que as educadoras se depararam, passando pela falta de cursos preparatórios (formação continuada), estrutura física e materiais didáticos que tais mudanças exigiam.

O tecnicismo foi introduzido na educação brasileira na década de 1960, no decorrer do regime militar, oficializado por meio da promulgação das leis 5.540/68 e 5.692/71, que, respectivamente, reformularam a educação superior e instituíram o ensino de 1º e 2º graus, vinculando, desse modo, a educação ao desenvolvimento da nação, ou seja, a escola passa a ser sinônimo de investimento. Conforme Saviani (2010, p. 382),

A pedagogia tecnicista buscou planejar a educação de modo que a dotasse de uma organização racional capaz de minimizar as interferências subjetivas que pudessem pôr em risco sua eficiência. Para tanto, era mister operacionalizar os objetivos e, pelo menos em certos aspectos, mecanizar o processo. [...] Daí a proliferação de propostas pedagógicas tais como o enfoque sistêmico, o microensino, o telensino, a instrução programada, as máquinas de ensinar etc. Daí também o parcelamento do trabalho pedagógico com a especialização de funções, postulando-se a introdução no sistema de ensino de técnicos dos mais diferentes matizes. Daí, enfim, a padronização do sistema de ensino a partir de esquemas de planejamento previamente formulados aos quais devem ajustar as diferentes modalidades de disciplinas e práticas pedagógicas.

Na pedagogia tecnicista o professor e o aluno passam a ocupar um lugar secundário, sendo considerados apenas executores de um planejamento controlado por especialistas imparciais, neutros, objetivos. Dentro desta concepção de educação, o professor perde seu poder de decisão conferindo ao processo definir o que professores e alunos devem fazer, bem como a maneira e o momento a ser feito. O que é considerado relevante dentro desta perspectiva, o que importa é aprender a fazer.

Saviani (2010) destaca que a pedagogia tecnicista tentou transferir para a escola o modelo de funcionamento fabril, desconsiderando a especificidade da educação. Em sua avaliação, a pedagogia tecnicista serviu para aumentar o caos já existente na educação. Na prática, seus direcionamentos bateram de frente com as condições tradicionais existentes nas escolas.

Segundo a professora Maria Rita, um dos cursos técnicos oferecidos no Colégio Estadual João Netto de Campos carecia de recursos materiais, o que comprometia o funcionamento adequado do curso:

Logo eles implantaram o 4º ano de magistério também. Nesta época, que implantaram o magistério, a gente considerava como nosso! Não dávamos muita bola para o secretariado, mas era o magistério. Identificávamos mais com ele! Era muito difícil a questão do secretariado, questão de estágio, ninguém gostava. Você não conseguia estágio para os meninos, não tinha material. Você vê o curso de secretariado não tinha máquinas, na época era máquina de datilografia. Tinha que pegar da secretaria e por os meninos para fazer até que nós conseguimos fazer convenio com uma escola de datilografia, onde os meninos pagavam menos, porque não tinha na escola! O magistério a gente conseguia era mais fácil de conseguir as coisas.

As condições existentes na escola eram precárias, denunciando a falta de infraestrutura para o preparo adequado do aluno para o mundo do trabalho, o que se assemelha ao que Saviani esclarece sobre o tecnicismo. As reflexões da professora permitem compreender as dificuldades e conflitos vividos por professores e alunos. Para Josso (2010, p. 189), “a explicitação desse processo precisa de um conjunto de atividades reflexivas ora individuais, ora coletivas.” É dentro deste contexto de mudanças e despreparo que as professoras formadoras tiveram como desafio ser professoras de formação no curso técnico do Colégio Estadual João Netto de Campos.

Percebemos que suas concepções resultam de um processo constituído pela formação acadêmica, mas, também das experiências advindas das práticas cotidianas, das relações estabelecidas com o saber. A formação específica, ou mesmo, a falta de tal formação de cada uma das professoras ao ingressar na carreira do magistério, coloca em relevância as dificuldades vividas e as estratégias encontradas para superá-las.

### **3.3 Diferentes maneiras de pensar a formação**

A escritora Marie-Christine Josso traz em seu livro “Caminhar para si” vários conceitos de formação, com exemplos que contemplam aspectos como a linguagem popular utilizada pelo pesquisador e pelo pesquisado, principalmente quando nos referimos à qualidade da instituição escolar por onde passou o sujeito, o que confere conhecimentos e aquisição de competências mediante os novos conhecimentos e práticas. São vários exemplos de definição de formação. Mediante essas controvérsias, Josso (2010, p. 37) ressalta que,

A formação pode ser considerada como a ação de uma instituição, como o conjunto das modalidades desta ação, como ação de exortação ou como atividade própria da pessoa. Ela é complemento para o sujeito, ou um atributo do sujeito, ela designa qualidades ora gerais, ora específicas relativas a saberes e a saber-fazer utilizáveis como tais, ou transferíveis. Na linguagem corrente, o conceito formação serve para designar realidades diferentes, mesmo se cada uma se ligue, de uma forma ou de outra, ao campo da Educação.

Em todas as atividades o conceito de formação vem agregado às diferenças, o que confere ao sujeito a sua individualidade, assim, mesmo aqueles que ocupam o mesmo espaço institucional se diferem na formação recebida, e também com relação aos saberes que serão utilizados no seu saber-fazer cotidianamente. Inclusive as diversas áreas do conhecimento humano, tais como a sociologia, a psicologia e a antropologia se divergem entre si quanto às aquisições necessárias à formação dos indivíduos.

Josso (2010) elenca alguns autores que serviram de aporte teórico para trabalhar a concepção de formação que vieram ao encontro de sua pesquisa. Dentre eles, encontram-se as contribuições de: Paulo Freire, Rogers, Honoré, Dominicé e Pineau. Sobre isso, a autora explica que:

Os autores escolhidos para ilustrar essa corrente de pesquisas e de ideias têm em comum serem pedagogos - práticos e pesquisadores - trabalhando com adultos, por um lado e, por outro, considerarem os processos de aprendizagem como subconjuntos da formação. Esta última é considerada como um processo global, implicando as diferentes dimensões da vida e, para alguns, o processo de formação acompanha o curso de vida. (JOSSO, 2010, p. 62)

Nas narrativas das professoras formadoras que fazem parte desta pesquisa percebemos essa multiplicidade de concepções de formação, que Josso faz referência nos vários exemplos de conceitos expostos em sua pesquisa. Cada uma das professoras, com suas peculiaridades e de acordo com as experiências vivenciadas apontam momentos significativos iniciados na infância até o momento atual, indicando em suas reflexões que percebem a formação como um processo amplo, global.

Outro aspecto observado é o olhar que cada uma delas destinou para seus saberes, e de que maneira esses conhecimentos se constituíram em um conjunto de habilidades e competências utilizadas no cotidiano, na prática docente.

### 3.4 Saberes experienciais

Era só mesmo a força de vontade<sup>49</sup>

Quando se trata de saberes, e, em especial, aqueles advindos das experiências, adentramos para algo mais amplo, saberes que se deslocam de um determinado espaço denominado sala de sala para ocuparem também os demais espaços formativos que constituem uma instituição educacional. Esse ambiente formador, que aprendemos a reconhecer a partir de nossos primeiros contatos com o mundo escolar, transcende um único espaço denominado sala de aula. Nele se inserem os corredores, a sala da direção, secretaria, sala da coordenação, sala dos professores, pátio e cantina, espaços múltiplos que fazem parte da rotina dos professores.

As relações estabelecidas entre toda essa comunidade escolar vão aos poucos se constituindo em saberes e experiências para os professores. Desta feita, ao ouvir os relatos das professoras, algo que me chamou atenção foram as afirmativas da professora Clara em relação aos seus primeiros anos de trabalho enquanto professora do ensino fundamental. A professora relata algo muito interessante, porém, pouco discutido pelos professores, que é a importância do apoio que recebemos de outros profissionais nos primeiros anos de trabalho. Naquele momento tão difícil, sem nenhuma experiência anterior, chegamos com a cara e muita coragem para nos apresentar à direção de uma escola. Neste caso, podemos dizer também que esta falta de apoio remete a outro sentimento, ao de abandono. Ninguém está de fato interessado no outro, nos conflitos que nos assolam em diferentes momentos da profissão.

Ao término de um curso, seja ele Técnico em Magistério ou uma graduação, não se tem uma ideia real daquilo com o que vamos nos deparar em uma sala de aula. Recebemos um grande número de informações, teorias desvinculadas de suas práticas. Em alguns cursos, os estágios se resumem em algumas poucas aulas, não dando ao futuro professor a noção real do seu trabalho, experiências que trazem um pouco de incertezas para os iniciantes.

Tardif (2010, p. 50) ressalta que “os saberes experienciais fornecem aos professores certezas relativas a seu contexto de trabalho na escola, de modo a facilitar sua integração”. Os saberes experienciais são resultado das dificuldades superadas no

---

<sup>49</sup> Afirmativa da professora Clara.

**cotidiano de todo professor. A professora Clara consegue dizer de forma reflexiva alguns fatos relativos à sua falta de experiência.**

Ai eu fui para a escola Madre Natividade de Gorrochad. Peguei o 3º primário. Assim, com muita boa vontade da diretora, porque prática eu não tinha na educação. Eu devo obrigação por isso, ela me escolheu. Era só mesmo a força de vontade, a boa vontade. Mas tudo que pego para fazer gosto de fazer bem feito [...] Serviu-me muito a experiência para depois eu levar para o magistério. As aulas que a gente planejava para dar em prática, por exemplo, lá no Madre Natividade, foi laboratório para meus alunos quando acabou o primário no Estadual. A gente dava aula lá, tinha muita recepção, era muito aceito lá<sup>50</sup>.

Clara ressalta a importância do apoio da diretora que lhe concedeu a oportunidade de vivenciar sua primeira experiência docente. As aprendizagens adquiridas junto aos alunos das séries iniciais, bem como a troca de conhecimentos com seus pares, serviram de base, dando-lhe uma bagagem experiencial para que anos depois fossem utilizados não só junto aos alunos do curso Técnico em Magistério do Colégio Estadual João Netto de Campos, mas também quando sentiu necessidade de dar continuidade à sua formação acadêmica, cursando Letras na UFG – Regional Catalão.

Tardif (2010, p. 52) ressalta que,

O relacionamento dos jovens professores com os professores experientes, os colegas com os quais trabalhamos diariamente, ou no contexto de projetos pedagógicos de duração mais longa, o treinamento e a formação de estagiários e de professores iniciantes, todas essas são situações que permitem objetivar os saberes da experiência. Em tais situações, os professores são levados a tomar consciência de seus próprios saberes experienciais, uma vez que devem transmiti-los e, portanto, objetivá-los em parte, seja para si mesmos, seja para seus colegas. Nesse sentido, o docente é não apenas um prático, mas também um formador.

A situação vivida pela professora Clara ilustra bem a realidade, no início da carreira: as escolas querem um profissional experiente, porém, precisa-se daqueles que dão uma primeira oportunidade para a constituição das experiências educativas, as quais são adquiridas, conforme afirma Tardif, no trabalho diário, na relação entre os jovens professores com outros professores mais experientes.

Retornamos agora à narrativa da professora Helena que conta como se deram suas experiências, os desafios que teve que enfrentar e de que maneira conseguiu superá-los.

Eu trabalhava no Rita Paranhos Bretas e depois eu fui trabalhar no Colégio Estadual João Netto de Campos. Precisavam de professora de português e

---

<sup>50</sup> Narrativa da professora Clara.

me chamaram para ir [...] Essa experiência no João Netto de Campos como estou falando eu nunca tinha lecionado para ginásio na época, fui para lá e não tive dificuldades graças a Deus. [...] Eu acho que mandar é muito difícil, e eu sou autoritária. Eu fui uma professora muito enérgica. Se você pensar as pessoas falam que fui ruim. Eu tenho a consciência de que não fui, você pode sondar na cidade com quem foi meu aluno. Há pessoa que fala assim; “ela era brava!” Eu não fui eu fui enérgica [...] Eu fui uma professora tão enérgica que eu perdia um mês com criança, dois meses, adequando à sala. Não que eu não ensinasse, é claro que eu ia introduzindo as coisas, mas, perdia tempo mostrando para a criança que ela tem que aprender, que a gente não pode ficar sem estudo, mostrando para a criança que aquilo é um bem, é uma alegria, é uma felicidade. Que aquilo não é um trabalho, que aquilo é um prazer! Hora de brincar é de brincar, hora de fazer as coisas tinha que fazer as coisas.

Para quem, a princípio, dizia que não queria ser professora, Helena passa a ideia que ser professora para ela era algo quase que nato<sup>51</sup>, conseguindo superar as dificuldades do cotidiano com muita segurança e propriedade.

Goodson (2007, p.71) explica que “as experiências de vida e o ambiente sociocultural são obviamente ingredientes-chave da pessoa que somos, do nosso sentido do eu”. Percebemos claramente que o ambiente sociocultural vivenciado por Helena era a “chave” do sentido que ela dava para seu eu. Helena relata:

Primeiro fui convidada para trabalhar na campanha, fui nem sabendo o que a gente ia fazer direito. Chegando lá minha irmã me mandou para Leopoldina fazer um curso para orientadora, porque naquela época não tinha orientadora. [...] Mas me chamaram para trabalhar porque eu tenho a impressão que queriam minha pessoa por ter participado da Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo. Fui para Leopoldina para fazer curso e naquela época o estudo de Minas estava sendo um dos principais do país. [...] Quando eu voltei de Leopoldina voltei com a cabeça cheia de muita coisa, vi a gramática funcional, vi o método silábico trocado pelo método global que foi quando houve essa mudança. E fui tomando conhecimento dessas coisas eu fiquei entusiasmada, vim e nós conseguimos dar um pouquinho de evolução aqui no ensino municipal.

A professora Helena tem uma noção real da sua participação na educação e reconhece a atuação de professora nas várias etapas de sua vida. O fato de ter saído de sua cidade natal ainda jovem para ir se qualificar em Minas Gerais e, depois, a responsabilidade de se tornar coordenadora de um projeto municipal, termina projetando sua carreira. Com muita modéstia, porém, dotada de segurança, Helena vai aos poucos expondo o orgulho que sente de suas experiências formativas, a sua concepção de docência. Para Goodson, “de acordo com o quanto investimos o nosso *eu* no nosso ensino, na nossa experiência e no nosso ambiente

---

<sup>51</sup> Que nasce com o indivíduo; Que se une aos procedimentos e/ou qualidades próprias de um determinado cargo. Retirado de <http://www.dicio.com.br/nato/> Acesso em 01 de junho de 2014.

sociocultural, assim concebemos a nossa prática” (2007, p. 71. Destaques do autor). É muito difícil para uma pessoa estabelecer um objetivo coerente com a realidade se ela não tiver uma visão clara de onde quer chegar com seus projetos. As pistas oferecidas pela professora Helena sobre suas práticas educativas aparecem como resultado dos “investimentos” feitos por ela em sua formação. Em suas narrativas não aparece nenhuma outra opção de profissão que gostaria de ter exercido. A sua concepção de ser professora evidencia as características da educação tradicional que recebeu, é uma concepção espelhada nos ensinamentos de sua irmã que também era professora. Helena nos passa a impressão de que, ao se olhar no espelho, a primeira imagem que aparece é a de sua irmã, referencial de sua constituição pessoal e profissional.

### **3.5 Comecei a dar aula, mas eu não gostava de dar aula**<sup>52</sup>

De acordo com Vidal (2009), a partir dos anos 1970, um novo olhar é lançado sobre a ação dos sujeitos escolares, de aparelho de mediação ou de reprodução da sociedade passaram a ser vistos como sujeitos do processo ensino-aprendizagem. Surgem análises que apontam a escola como produtora de uma cultura específica trazendo mudanças na percepção sobre a função social da escola como reprodutora ideológica do Estado, trazendo um deslocamento desse olhar para os sujeitos, objetivando compreender como se manifestam diante das regras prescritas e normas pedagógicas nas práticas escolares. Segundo Vidal (2009, p. 36),

investigar a prática docente, compreendendo-a na intersecção do saber e da ação de professores, instou a indagação sobre a mistura de vontades, gostos, experiências, acasos que foram consolidando gestos, rotinas, comportamentos identificados como docentes.

Ao analisarmos os relatos de Maria Rita detectamos várias situações que nos revelam como os sujeitos podem se manifestar mediante as normas pedagógicas escolares e as regras prescritas. A professora Maria Rita nos conta:

Eu fui atrás do Santo Agostinho onde eu já tinha estudado 2 anos. Comecei a dar aula mais eu não gostava de dar aula, meu negócio era administração. Eu fazia pedagogia, mas eu gostava da parte administrativa tanto que às vezes eu ia para a escola, o Santo Agostinho era ali [...] bem perto da minha casa. Eu morava ali na Avenida Goiás, eu ia a pé, tinha dia que eu falava nossa podia um carro me atropelar aqui para eu não ir dar aula. É eu pensava isso! Eu tinha pavor de dar aula não gostava, sabe? E quantas vezes eu estava

---

<sup>52</sup> Afirmativa da professora Maria Rita.

descendo a escada lá e pensava: \_ ai se eu caísse e quebrasse a perna! Era só assim, era por esse lado!

Maria Rita traz em seus relatos a dualidade entre ser professor e administrador. Deparamo-nos com uma situação de desconforto vivenciada nas escolas. Ela assume toda sua preferência pela parte burocrática da escola, enfatizando que não gosta de dar aulas, trazendo para nós uma reflexão sobre sentimentos muito pouco discutidos entre os educadores, que é o mal estar docente. Pesquisas recentes apontam que cada vez mais professores têm se afastado da sala de aula para tratamento de saúde motivado por diversos fatores, dentre eles, a dificuldade de se relacionar com os alunos, com seus pares e superiores.

Nos depoimentos da professora esse sentimento de mal estar é notado quando o assunto é direcionado para a sala de aula. O desejo de que algo trágico lhe aconteça para não ir dar aula é um sinal gritante entre a falta de vontade e a necessidade de ser professor. Por ser por uma questão de sobrevivência, pois é com seu trabalho que custeia as despesas para estudar, ela se vê obrigada a lecionar. Quando começa a trabalhar no Colégio Estadual João Netto de Campos assume de imediato um cargo administrativo. Nos anos seguintes, esteve na direção e na secretaria da escola. Nos últimos, por questões políticas, teve que assumir aulas no curso Técnico em Magistério, ministrando até cinco disciplinas diferentes. Além do desafio de se preparar uma aula de qualidade, ela nos dá uma visão dos conflitos existentes entre professores e direção, o que, na opinião da professora, justifica a distribuição de muitas disciplinas diferentes para um mesmo professor como forma de punição. Essa questão de assumir disciplinas sem ter domínio suficiente é algo que atravessa a história de vida como uma experiência em comum, como nos relata também as professoras Leda e Helena.

A relação entre experiências de vida e ambiente sociocultural também passou a ser objeto de reflexão, traduzida em questões sobre o impacto do estilo de vida do professor dentro e fora da escola, de suas identidades e culturas sobre modelos de ensino e sobre a prática educativa, sobre a influência do ciclo de vida docente nas escolhas da carreira. Vidal (2009, p. 30) esclarece que,

Sem desconhecer a força dos elementos estruturantes da escola na sua constituição e consolidação como instituição social, parece-me profícuo valorizar as alterações que foram sendo inseridas no cotidiano escolar, seja pela iniciativa das políticas públicas, seja pela ação dos sujeitos escolares. Nesse último caso, vale a pena tanto atentar para o modo como professores, alunos e administradores trazem à cena, de forma desejada ou não, tensões vividas no interior das escolas e na sua relação com a sociedade, quanto no que transformam os problemas escolares em questões sociais a solicitar regulação e governo como realçam Chapoulie e Briand (1994).

Maria Rita, ao narrar suas histórias de vida assumindo suas escolhas e gosto pela administração escolar, termina por expor os conflitos, as tensões existentes no interior das escolas. São questões sociais que passam na maioria das vezes despercebidas pelos alunos, colegas de profissão e demais componentes da comunidade escolar.

O educador Paulo Freire (2003), em suas reflexões sobre sua práxis educativa, destaca a influência que recebeu de outras pessoas em sua formação profissional, podendo ser pessoas do nosso convívio cotidiano, ou um professor e professora que possuem qualidades e competências diferentes e que serviram de inspiração. Freire diz que essas influências ocorrem, por vezes, de maneira imperceptível: “no fundo, a experiência profissional se dá no corpo existencial maior. Se gesta nela, por ela é influenciada e sobre ela, em certo momento se volta influentemente” (FREIRE, 2003, p. 113). Para o autor, a formação é algo bem mais complexo. Além da formação acadêmica, envolve todas as experiências existenciais, ou seja, vivências com diferentes pessoas e lugares por onde passamos.

Maria Rita traz fortes evidências de como lugares e pessoas podem agregar em nosso comportamento formas de pensar e agir. Destacamos o colégio interno em São Paulo, o qual frequentou como aluna interna, reafirmando a influência da cultura escolar nas aprendizagens que obteve junto às freiras. Em suas reflexões, ela mesma consegue admitir a força do convívio e valores absorvidos e de que maneira estas experiências terminaram influenciando em sua vida. Maria Rita nos relata,

Eu me lembro bem uma vez meu pai chegou lá em Santa Marcelina em São Paulo. Era meu aniversário, ele saiu daqui para levar um bolo para mim e acho que atrasou na viagem e eu pude ficar só cinco minutos com ele. Então é muita coisa da minha vida, foi muito rigor em minha criação. [...] chegando hoje, na idade que estou até agradeço, porque eu pude me tornar no que sou. A gente vai moldando pelo que você vai passando pela vida. Inclusive no Colégio Estadual eu era muito enérgica, não é Mara? O pessoal chegava para trabalhar lá e tinha até medo de mim. E eu acho que essa questão dessa disciplina minha que eu tive na minha vida toda foi isso aí, porque lá no colégio era linha dura mesmo! Eu lembro mais dessa fase minha do que da primeira que você me perguntou, no começo da alfabetização.

As marcas deixadas pelas pessoas e lugares que contribuíram na formação de Maria Rita fizeram com que ela mesma se definisse como pessoa disciplinada e enérgica, atribuindo sua forma de ser à educação recebida ao longo dos anos. Ela consegue fazer esta reflexão sobre como foi se constituindo enquanto professora, validando as concepções das formações recebidas, em especial, nas instituições religiosas de ensino que eram reconhecidas pelo rigor

disciplinar. Mesmo falando das dificuldades e angústias vivenciadas, consegue avaliar que foi algo positivo: “até agradeço, porque eu pude me tornar no que eu sou”.

### **3.6 Minhas concepções**

O que eu vi meu pai passando para os alunos eu tentava passar<sup>53</sup>.

Em vários momentos relatados pelas professoras é possível constatar que a prática apreendida com outras pessoas foi influente em suas concepções docentes, como exemplo cito a professora Leda, que teve como referência desta aprendizagem o próprio pai, sendo alfabetizada por ele em uma escola da zona rural onde era professor. Como esse contato diário com a sala de aula terminou por influenciar Leda em sua maneira de ensinar? Quais significados foram atribuídos à sua prática de ensinar? “Eu já tinha uma experiência com meu pai, a minha didática aprendi com ele.” Mesmo tendo feito o curso normal no Centro de Formação de Professores de Catalão, atribui ao pai o mérito das experiências positivas vivenciadas. Quando questionamos se o curso foi bom, Leda nos diz: “eu aprendi muito porque aumentou o meu conhecimento praticamente o didático para dar aula porque até então eu assimilava, acompanhava o que eu via, presenciei com meu pai dando aula”. A concepção de professora de Leda é cunhada em seu cotidiano, observando e ajudando seu pai, compartilhando as precariedades daquela época, uma realidade comum às escolas rurais. Nessas escolas, existia carência de tudo, de pessoas habilitadas para exercerem o magistério, de material básico, como o giz, que era produzido por eles mesmos. Enquanto professora do curso de magistério dizia que sua maior preocupação era com o aprendizado dos seus alunos, não ficava presa ao conteúdo como outros colegas. “o importante pra mim não era mostrar que eu terminei o conteúdo, o importante pra mim ali era o aluno, ele tinha que aprender, enquanto uns 80% dos alunos não assimilavam eu não saía.”

Também se preocupavam quanto à escolha de seus alunos pela profissão, procurando alertar para as dificuldades que seriam encontradas, tais como: desgaste da profissão e baixos salários. “a gente tentava dizer para o aluno que ele tinha que buscar algo melhor, ele tinha que ir acostumando porque trabalhar na educação tem que ter amor [...] antes de tudo amor, não buscase um salário porque o salário do professor eu acho que nunca foi bom e nunca será!”

---

<sup>53</sup> Afirmativa feita pela professora Leda em suas narrativas.

Para Goodson (2007, p. 75), “os estudos referentes às vidas dos professores podem ajudar-nos a ver o indivíduo em relação com a história do seu tempo, permitindo-nos encarar o desenvolvimento do professor”. Leda faz algumas considerações diante de suas experiências educacionais. É como sujeito de sua própria história que ela consegue refletir sobre seu saber-fazer e valorizar a herança recebida, os ensinamentos que lhe foram passados pelo próprio pai. Não se limita a estes saberes, busca outros cursos, dando continuidade à sua formação. Isso pode se caracterizar como uma contradição, pois têm na busca pelo saber o principal eixo de sua formação. Por outro lado, expressa também uma concepção fortemente marcada por um sentimento idealizado, uma visão missionária da profissão: “O que eu tentei passar para os meus alunos foi isso, antes de tudo, amor.” As narrativas apontam uma multiplicidade de fatores que serviram de ancoragem na formação de Leda. Nesse sentido, Josso (2010, p. 204) esclarece que:

O enfoque do processo de formação em termos de dinâmicas permite entrar nas transformações consciências do sujeito, dando-lhes, assim, uma via de acesso às transformações de sua atitude na condução de sua existência. É, sem dúvida, nos momentos cruciais ou de crise que essa atitude mais claramente se desvela. É, em todo caso, pela análise desses momentos que nos é possível tomar consciência da relação entre uma certa maneira de se colocar, de agir e de reagir em situações e as soluções adotadas ou as possibilidades consideradas.

A história de vida da professora Leda expressa bem as atitudes que foram tomadas mediante os momentos de crise. Agir e reagir foram uma questão de sobrevivência para esta professora. Desde a infância o trabalho esteve presente em sua vida, tornar-se professora foi quase que um processo natural, as ideias relativas ao magistério foram semeadas quando ainda era muito precoce, pode-se dizer que ela carrega uma concepção multifacetada em seu processo formativo.

### **3.7 Não, absolutamente nunca tive medo não<sup>54</sup>!**

Apesar das importantes mudanças pedagógicas ocorridas no último século, o modelo escolar manteve-se incólume praticamente até aos nossos dias, não sendo abusivo afirmar que grande parte dos educadores actuais considera ainda que seu trabalho consiste em ... moldar a cera mole! (NÓVOA, 2007, p.110)

A epígrafe acima ajuda a buscar nas narrativas da professora Gabriela experiências que revelam sua concepção de professora, sobre como ela concebe o ato de educar. Para

---

<sup>54</sup> Afirmativa da professora Gabriela.

Nóvoa (2007), as mudanças pedagógicas ocorridas não alteraram a prática do professor na forma de conceber o aluno como um objeto a ser moldado, o que desperta nosso olhar para o trabalho realizado pela professora Gabriela, que nos transmite uma imagem de ter sido uma professora bem conservadora.

Destacando sempre sua formação de socióloga, seu depoimento foi marcado por várias reflexões, trazendo categorias com problemas pontuais e relevantes. “Eu nasci em 1947. Portanto, eu estou com 66 anos. Naquela época, as mulheres no final acabariam sendo donas de casa, mãe de família, se trabalhavam fora eram professoras”. A princípio, Gabriela aponta uma situação já abordada anteriormente por outras professoras, o magistério como uma profissão feminina, o que nos remete à escolha pelo magistério como uma falta de opção para as mulheres naquele tempo. “Eu escolhi magistério foi por força das circunstâncias! Mamãe me falou: tem que ser uma professora lá no grupo onde você estudou! Mas nunca fui professora lá”. Aqui aparece o ideal de uma profissão alimentada por outras pessoas de seu convívio social. No geral, isso acontece com aqueles que estão mais próximos de nós, como pai, mãe, irmãos, avós e tios. Embora a mãe tenha tido poucas oportunidades para estudar, fazia outros planos para a filha, o que, na opinião de Gabriela, era uma visão diferenciada para sua época. A concepção de que ser professora é uma boa opção para as mulheres já começa a ser alicerçada ainda na infância.

A professora Gabriela conta que começou a trabalhar muito nova e com uma longa jornada de trabalho. Prestou um concurso estadual e um municipal em Goiânia e passou em ambos. Dava aulas à tarde na escola municipal e à noite na escola estadual.

Eu fui dar aula, eu comecei dando aula prá 2ª série primaria. Depois acompanhei esses meninos na 3ª, na 4ª série. Eu entrei na escola para dar aula dia 5 de março de 67, quando foi dia 1º de março de 1970, na mesma escola que eu trabalhei três anos, eu entrei como diretora. Eles me puseram como diretora! Naquela época não era eleição, era política. Então eles me puseram lá. Eu certamente preenchi alguns requisitos do partido. Aí eu entrei pra ser diretora e fui diretora até casar, quando então me mudei para Catalão e fui lecionar no Colégio Estadual João Netto de Campos.

Gabriela, assim como a professora Maria Rita, passou por essa dualidade de funções na educação, ora foi professora, ora diretora. Porém, ambas trazem preferências diferentes. Enquanto Maria Rita se identifica com a parte burocrática da escola, Gabriela afirma ter mais afinidade com a sala de aula. Ela relata que, ao mudar de Goiânia para Catalão, foi-lhe oferecida uma coordenação no Colégio Estadual, mas preferiu ficar na sala de aula. Quanto a sua relação com os alunos, seus medos e anseios em ser professora, ela nos relata que tinha

uma relação muito boa com eles, inclusive com os pais dos alunos, e todos eram seus amigos. Gabriela enfatiza várias vezes a importância da amizade, de se relacionar bem com todos.

Quando lhe perguntamos se sentiu alguma insegurança, algum medo tão comum aos professores em geral no início de sua carreira, ela diz: “Não, absolutamente nunca tive medo não!” Fizemos outros questionamentos relativos à sua formação em Sociologia, se aquele curso tinha agregado algo mais no exercício do magistério, ao que ela responde que:

Ajudou na medida em que eu fui licenciada a dar aula na área de Ciências Sociais. Eu tinha uma formação muito esquerdista dentro da sala de aula, lá na UFG, naquela época, com aquela turma lá! Mas quando saí da faculdade que eu fui dar aula mesmo, já aqui no Colégio Estadual eu já tinha uma visão meio que diferenciada. Eu já não concordava com muita coisa que aos 22, 23 anos eu lutava muito, muito e muito!

Como professora de história geral no Colégio Estadual João Netto de Campos procurava sair da história factual para uma história analítica. Orgulhava-se de seus conhecimentos advindos da formação de socióloga, dizendo que debatia com seus alunos as ideias implantadas na época da ditadura, acreditando ter realizado um bom trabalho. Diz ter feito tudo que podia fazer teoricamente para que os futuros professores saíssem com o máximo de conhecimentos e que tivessem uma mudança de comportamento. “Eu entendo de aprendizagem como uma mudança de comportamento. Se você ensinar o ano inteiro, e as pessoas não mudarem, e ficar do mesmo jeito, não aprenderam.”

Gabriela, apesar de gostar da profissão e dizer que não se vê exercendo outra atividade, lamenta a falta de reconhecimento do professor. Nesse sentido, ela não concebe a educação como algo idealizado, tem plena consciência do que precisa ser melhorado. “Em termos de salário, a gente ganha pouco, e eu realmente fico assim pensando nós professores somos muito mal remunerados. Porque a minha filha fez medicina, ela num mês ganhou o que eu ganhei em 10 anos, acho um absurdo!”. A falta de reconhecimento financeiro e social é também uma condição refletida nas histórias de vida das outras professoras entrevistadas. Josso (2010, p. 206) afirma que “no momento em que entramos na compreensão dos marcos e de uma trajetória, entramos também nas representações do sujeito que compreende e interpreta as realidades que vive”.

Gabriela nos disse que gostava muito do que fazia, mas confessa que, ao se aposentar, já estava bastante cansada.

### 3.8 Modéstia à parte, eu sou, eu era muito estimada na escola!<sup>55</sup>

Procuro-me no passado  
e “outrem me vejo”;  
não encontro a que fui,  
encontro alguém que a que sou vai reconstruindo,  
com a marca do presente.  
Magda Soares

O passado pode ser algo muito próximo a nós. Soares (1991, p. 37) afirma que “na lembrança, o passado se torna presente e se transfigura contaminado pelo aqui e o agora”. Quando tentamos recuperá-lo ele pode nos confundir, como aconteceu com a professora Clara. Ao lhe perguntarmos ao que ela atribuía sua motivação pela escola, sua resposta veio em dois tempos verbais, presente e passado: “eu sou, eu era”. A impressão que a professora nos transmite é que falar de um tempo que lhe traz lembranças prazerosas não se encontra em um passado distante. Este fato acontece com todos nós, por exemplo, ao fazermos referência a algum fato que nos aconteceu há muito tempo e geralmente não temos a noção real de quantos anos se passaram do ocorrido. Daí a confusão da professora Clara em se situar no tempo. As experiências podem, então, ao serem atualizadas, adquirir um novo significado. Elas vão se “reconstruindo com a marca do presente”.

Gostava de tudo, da convivência, assim, modéstia a parte, quando eu saí de lá, eu sou, eu era muito estimada na escola, não tinha cobrança para o meu lado não. Eu sou responsável, eu era responsável no que tinha para fazer. Não fui professora de dar nota ruim de jeito nenhum, minhas alunas tinha notas boas mesmo, aproveitava tudo ao máximo! Teve uma época que a gente precisava fazer uma entrevista com a professora alfabetizadora, nós arrumávamos a professora que foi alfabetizadora antiga para exposição de material que elas usavam. Foi muito bacana! Eu creio que eu fiz um trabalho novo e agradável no magistério<sup>56</sup>.

A reflexão elaborada pela professora Clara traz a sua percepção, ideias a respeito sobre como foi sua relação com os alunos, pares e demais funcionários do Colégio Estadual João Netto de Campos. Ela consegue olhar com satisfação para seu passado profissional e nos dizer com segurança que foi uma profissional responsável, considerando seu trabalho inovador, buscando fazer a diferença em suas aulas. Em relação aos alunos, tentava aproveitar ao máximo suas produções. Observamos que contar sua história de vida foi também um momento revelador de reflexão sobre sua própria história de vida, dando-nos a impressão de que até então, mesmo depois de tantos anos, não tinha parado para pensar sobre sua formação.

---

<sup>55</sup> Faz parte da narrativa da professora Clara em relação ao Colégio Estadual João Netto de Campos.

<sup>56</sup> Consta na narrativa da professora Clara.

Expor suas escolhas formativas, motivações e dificuldades atravessadas colocou em evidência parte de seu itinerário intelectual. Para Josso (2010), explicitar a formação se difere de um currículo vital, sendo este destinado a referências exteriores sobre o que a pessoa fez, permanecendo mudo sobre a formação desta pessoa. Qualidades, competências, valorizações, saber-fazer faz parte do percurso experiencial da pessoa. Nesse sentido, Clara designa valores, significados de suas experiências formativas.

As narrativas me deram pistas para compreender os caminhos que cada uma percorreu para se tornar professora, tais como a importância das pessoas que passaram por suas vidas, bem como o entendimento de que a formação é um processo contínuo em nossas vidas. Bragança (2009, p. 88) ressalta que “A formação deixa de ser tratada como processo restrito aos espaços acadêmicos e passa a ser vista como um continuum que tem início muito antes da entrada na escola e se prolonga por toda a vida do educador”. Desse modo, cada uma das professoras buscou, de acordo com as motivações recebidas, as condições e épocas vividas, dar continuidade à formação referente à profissão à qual dedicaram grande parte de suas vidas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

### **O que eu conheci sobre formação com essa pesquisa?**

Ao iniciarmos essa investigação sobre a formação de professores instauramos alguns objetivos, dentre eles, compreender como elas chegaram a serem professoras, especialmente professoras do curso Técnico em Magistério do Colégio Estadual João Netto de Campos, e qual a concepção de formação docente desses professores, a partir de suas histórias de vida.

As reflexões empreendidas ao longo dessa pesquisa, através das histórias de vida de cinco professoras de formação, permitiram-nos compreender a construção da identidade profissional docente como um processo permeado por constantes socializações, aprendizagens, saberes e práticas. Daí a necessidade de dar voz aos professores, ouvir o que dizem sobre o trabalho docente de forma geral, a escola, alunos, pais e toda comunidade escolar. Buscamos ouvir também seus desejos, aspirações, anseios e medos, percepções sobre os vários aspectos que atravessam o cotidiano de um professor.

Segundo Josso (2010, p. 206), “o relato de formação é a articulação mais ou menos elaborada, entre o que pôde ser visível para observadores externos e o que se passou com o sujeito em seu foro íntimo”. Os relatos das professoras pesquisadas em muitos momentos nos surpreenderam com detalhes e situações muito particulares, seguidos de pedidos para que tal parte daquela conversa não fosse exposta, compartilhada com outras pessoas. Trouxeram também a maneira como elas conceberam e interpretaram as realidades vividas. Como sujeitos de sua própria história conseguiram superar os condicionamentos e determinismos, agindo, mudando o curso de suas histórias, superando os próprios limites.

No primeiro capítulo apresentamos as professoras, o perfil de cada uma, dando ao leitor a possibilidade de conhecê-las melhor. Foi evidenciada parte da história de seus primeiros contatos com a escola, recordações, memórias da primeira infância que consideraram marcantes, bem como a formação acadêmica recebida. No segundo capítulo, selecionamos suas memórias relativas a como se tornaram professoras, influências recebidas de outras pessoas, família e instituições que frequentaram, e investigamos quais as escolhas que as tornaram professoras, em especial, professoras do Colégio Estadual João Netto de Campos.

No terceiro e último capítulo buscamos suas experiências sobre suas práticas, suas concepções do que é ser professor. As professoras Leda, Clara, Gabriela, Maria Rita suscitaram questões que estão implicadas no trabalho da escola, nas inúmeras tarefas

atribuídas ao professor. Algumas questões abordadas por elas foram: precariedade do ensino, falta de apoio (sentimento de abandono), falta de reconhecimento profissional, baixos salários, perseguição política, mal estar docente, jornada dupla de trabalho aliada ao baixo salário. Quanto aos motivos para terem se tornado professoras elencaram: falta de opção e uma questão de sobrevivência.

Interessante observar que são categorias de problemas bem atuais. Se hoje convidarmos professores que estão atuando para uma entrevista, com certeza vão evidenciá-los também. Outro aspecto observado é quanto ao compromisso, à responsabilidade! Todas se consideraram serem responsáveis naquilo que faziam. Gabriela nos relata que não se via em outra profissão, todas trazem sentimentos positivos de aceitação, de serem queridas pelos alunos, terem uma boa relação com seus pares por onde trabalharam. Helena se considera uma professora “enérgica” e não “brava”, como era designada por algumas pessoas.

Fica aqui um pouco das histórias de vida destas professoras, experiências de formação. Elas trazem contribuições coletivas importantes, destinadas aos iniciantes, jovens professores, para aqueles que têm o desafio de formar outros docentes.

Algumas destas professoras foram minhas colegas de ofício no Colégio Estadual João Netto de Campos onde compartilhamos trabalhos, preocupações, desafios, eventos, festividades, pessoas, alunos. Juntas construímos parte da história do curso Técnico em Magistério do Colégio Estadual João Netto de Campos, ajudamos a escrever também a história da educação de Catalão e municípios vizinhos.

Conforme a afirmativa de Clara, ser professora do curso Técnico em Magistério do Colégio Estadual João Netto de Campos deu lhe *status*. Já a professora Leda considerou o Colégio como seu segundo lar pelos longos anos de tempo de serviço ali prestado.

Ao falar da instituição de ensino percebo a importância do local em que trabalhamos. Ele pode significar nosso segundo sobrenome e ser mais poderoso que o primeiro. Quando ligamos para algum lugar e nos apresentamos como a professora fulana de tal, logo perguntam do outro lado da linha: professora de onde? O lugar onde atuamos passa a fazer parte de nossa identidade e é com esta que nos relacionamos com os nossos pares e o mundo lá fora. Convivemos com isso de forma tão natural que nos causa estranheza quando não somos assim reconhecidos. Vivemos e convivemos grande parte de nossas vidas dentro de uma instituição, com nossos colegas e alunos, mais do que com nossa própria família.

Nessas narrativas foi possível rever, resignificar fatos e situações, agregar diferentes graus de relevância à ação docente, ao magistério. Com o avanço da pesquisa lançamos um novo olhar sobre as recordações, contextos e situações das diversas atividades realizadas,

experiências vivenciadas por nossas professoras participantes, principalmente aquelas memórias que nos contaram como suas concepções foram sendo construídas ao longo de suas vidas. Dubar (2005) explica que a nossa identidade começa a ser construída ao nascermos e a partir daí vai sendo reconstruída no decorrer da vida. É um processo que o indivíduo não constrói sozinho, depende de suas próprias orientações e da dos outros. Vimos que este processo de construção da identidade profissional das professoras Clara, Leda, Gabriela, Maria Rita e Helena sofreu também interferências de outras pessoas, lugares e circunstâncias que, por vezes, foram inerentes a suas vontades.

Graças à recepção acolhedora e à disponibilidade apresentadas por elas foi possível chegarmos ao final deste percurso apreendendo outros modos que contam, narram suas memórias das experiências formativas e de suas concepções de professoras.

Neste momento, eu posso então me perguntar: O que eu conheci sobre formação com esta pesquisa? Como pesquisadora, pauto minhas reflexões tendo como embasamento as perspectivas das professoras Clara, Leda, Gabriela, Maria Rita e Helena sobre formação. Posso então dizer que não existe uma definição única, pois que estamos falando de uma trajetória existencial que traz suas peculiaridades, interferências, interpretações pessoais e subjetividade dos sujeitos. A formação é plural, ela comporta um conjunto de transformações que vão se articulando entre si: a família de origem, estilos de vida, crenças, condições socioeconômico, engajamentos políticos, representações que faço de mim mesma e principalmente como me situo, relaciono-me com os outros, com o mundo. Ela engloba tomada de decisões, posicionamentos do que fazer e quando deve ser feito durante todo percurso existencial de uma pessoa.

## REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, M. H. M. B. (ORG.) **Identidade e vida de educadores Rio-grandenses: narrativas na primeira pessoa (... e em muitas outras)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- AIXKIN, Charles. **Dicionário de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: FGV, 1986.
- BARROS, J. D. **O projeto de pesquisa em história**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes Ltda, 2005.
- BOGDAN, R.; BILKEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.
- BOLIVAR, A. **Dimensiones epistemológicas y metodológicas de La investigación (auto) biográfica: Tomo I** / ABRAHÃO, M. H. M. B.; PASSEGGI, M. da C. Natal: EDUFRN, Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2012. (Coleção Pesquisa (Auto) Biografia: temas transversais).
- BOLIVAR A. Metodologia de La investigación biográfico-narrativa: recogida y análisis de datos. In: PASSEGGI, M. da C.; ABRAHÃO, M. H. M. B. (Orgs.) **Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto)biográfica Tomo II**. Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2012. (Coleção Pesquisa (Auto) Biografia: temas transversais).
- BOSI, E. **Memória e sociedade; lembranças de velhos**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979.
- BRAGANÇA, I. F. de S. Pesquisa-Formação e Histórias de Vida de Professoras Brasileiras e Portuguesas: Reflexões sobre Tessituras Teórico-Metodológicas. **Revista @ambienteeducação**, São Paulo, v. 2, n. 2, p.37-48, ago./dez., 2009.
- \_\_\_\_\_. **Histórias de vida e formação de professores: diálogos entre Brasil e Portugal**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.
- \_\_\_\_\_. O/a professor/a e os espelhos da pesquisa educacional. **Rev. bras. Est. pedag.**, Brasília, v. 90, n. 224, p. 87-101, jan./abr. 2009. Disponível em <http://rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/viewFile/1235/1182>. Acesso em 10 de junho de 2014.
- \_\_\_\_\_. Sobre o conceito de formação na abordagem (auto)biográfica. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 157-164, maio/ago. 2011. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/8700/6352>. Acesso em 10 de junho de 2014.
- BRAGANÇA, I. G de S.; ARAÚJO, M. da S. (Orgs) **Experiências na formação de professores: Memórias, trajetórias e práticas do Instituto de Educação Clélia Nanci**. Rio de Janeiro: Ed. Lamparina/Faperj, 2014.

CATALÃO. Disponível em <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=520510&search=%7Ccatalao>. Acesso em 26 de maio de 2014.

CHENÉ, A. A narrativa de formação e a formação de formadores. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Orgs.) **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde. Depart. dos Recursos Humanos da Saúde/Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988. p. 89-97.

DELORY-MOMBERGER, C. Os ateliês biográficos de projeto. **Educação e Pesquisa**. São Paulo. p. 359-371, maio/ago.2006.

\_\_\_\_\_. Formação e Socialização: os ateliês biográficos de projeto. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, maio/ago., p. 359-371, 2006.

\_\_\_\_\_. **Biografia e Educação**: figuras do indivíduo-projeto. Natal/RN: Ed. da UFRN, 2008.

DOMINICÉ, D. A Biografia Educativa: Instrumento de Investigação para a Educação de Adultos. In NÓVOA, A. (Org.). **O método (auto) biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde, 1988. p. 98-108.

\_\_\_\_\_. O que a Vida lhes Ensinou. In NÓVOA, A. (Org.). **O método (auto) biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde, 1988. p. 130-153.

\_\_\_\_\_. O processo de formação e alguns dos seus componentes relacionais. In NÓVOA, A. (Org.). **O método (auto) biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde, 1988. p. 51-61.

DUBAR, C. **A socialização**: Construção das identidades sociais e profissionais. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FREIRE, P. **Cartas a Cristina**: reflexões sobre minha vida e minha práxis. São Paulo: Ed. UNESP, 2003.

FOULCAULT, M. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.

GATTI, B. A. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Liber Livro, 2007.

GOIÁS, Lei de criação do Colégio Estadual João Netto de Campos nº 3.263 em 11 de novembro de 1960. **Diário Oficial do estado de Goiás**, Goiânia, GO em 23 de dez. de 1960.

GONSÁLEZ REY, F. **Pesquisa qualitativa e subjetiva**: os processos de construção da informação. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

GOODSON, F. I. (Org.) **Dar voz ao professor**: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. Vidas de Professores. Porto: Porto Ed., 2007.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.

HONÓRIO FILHO, W.; CAMPOS, C. A. O centro de formação de professores primários de Catalão e suas relações como regime militar Catalão- GO, 1965-1983. **Cadernos de História da Educação** (UFU. Impresso), v. 6, p. 221-235, 2007.

IBIPINA, I. M. L. de M. **Pesquisa colaborativa: investigação e produção de conhecimentos**. Brasília-DF: Ed. Líver Livro, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades**. Disponível em <http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=520510>. Acesso em 08 de dezembro de 2013.

JOSSO, M.-C. **Caminhar para si**. Tradução Albino Pozzer. Revisão Maria Helena Menna Barreto Abrahão. Porto Alegre-RS: EDIPUCRS, 2010.

\_\_\_\_\_. **Experiências de Vida e Formação**. São Paulo: Paulus, 2010.

MOITA, M. da C. **Percursos de Formação e de Transformação** (Orgs.) Vidas de Professores, Porto: Porto Ed., 2007

NÓVOA, A. (Org.). **A formação de professores e a profissão docente: Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

NÓVOA, A. **Vidas de Professores**. Porto: Porto Editora LTDA, 2007.

\_\_\_\_\_. A Formação tem que passar por aqui: As histórias de vida no projeto PROSALUS. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Orgs.) **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde. Depart. dos Recursos Humanos da Saúde/Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988. p. 108-130.

NÓVOA, A. **Formação de professores e profissão docente**. 1992. Disponível em <http://hdl.handle.net/10451/4758> acessado em 28 de outubro 2014.

NÓVOA, A.; FINGER, M. **O método (auto) biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde, 1988.

PASSEGGI, M. C. Memoriais Auto-Bio-Gráficos: A arte profissional de tecer uma figura pública de si. In: PASSEGGI, M. C.; BARBOSA, T. M. N. **Memórias, memoriais: pesquisa e formação docente**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

PIMENTA, S. G. (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 1999.

POLLACK, M. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n.10, 1992, p. 200-212. Disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/issue/view/276/showToc> Acesso em 29 de maio de 2014.

SAVIANI, D. **Histórias das idéias pedagógicas no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2010.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2001.

SOARES, M. **Metamemória-memórias**: travessia de uma educadora. São Paulo: Cortez, 1991.

SOUZA, E. C. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 25, n. 11, p. 22-39, jan./abr. 2006.

TAMBARA, E. **Introdução à História da Educação no Rio Grande do Sul**. Pelotas: Universitária/Seiva, 2000.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

VIDAL, D. No interior da sala de aula: ensaio sobre cultura e prática escolares. **Currículo sem Fronteiras**, v.9, n.1, p. 25-41, Jan/Jun 2009.

## **ANEXOS**

### **Anexo I - Roteiro para as entrevistas**

- 1) Fale um pouco sobre você, seu nome, onde nasceu, o nome dos seus pais, as brincadeiras preferidas, os primeiros contatos com o mundo da escola.
- 2) Onde e quando começou sua escolarização?
- 3) Lembra quem era a professora? Como ela tratava os alunos?
- 4) Como era a escola? (aspecto físico).
- 5) Quando e onde começou a trabalhar na Educação?
- 6) Já pensava em ser professora? Alguém, alguma professora, te influenciou a se tornar professora?
- 7) Como se tornou professora do curso técnico em magistério do Colégio Estadual João Netto de Campos?
- 8) Sentia-se preparada para trabalhar com a formação de outros professores?
- 9) Existiam cursos para os professores? Você fez?
- 10) Como se relacionava com os colegas?
- 11) E com relação à Escola, gostava do local, do prédio? Havia contato do professor com a organização escolar da época?
- 12) Como era a relação com a política local, Regional e Nacional daquela época?
- 13) Em sua opinião o curso de técnico em magistério era um curso bem conceituado? E o Colégio João Netto de Campos também era?
- 14) O que é ser professora para você, em especial ter sido professora no curso técnico em magistério do Colégio Estadual João Netto de Campos?

**ANEXO II**  
**Autorização do professor entrevistado**



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS**  
**CAMPUS DE CATALÃO**

Sr.(a) Professor

Meu nome é Wolney Honório Filho, Professor Adjunto da Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão e líder do NEPEDUCA – Núcleo de Pesquisa em Educação de Catalão. Nesta instituição, estamos desenvolvendo um projeto de pesquisa intitulado **EXPERIÊNCIAS DE VIDA E FORMAÇÃO DOCENTE EM GOIÁS**, que busca resgatar a memória educacional da formação continuada de professores do sudeste de Goiás. Para tanto, eu as(os) alunas(os) \_\_\_\_\_ e \_\_\_\_\_ buscamos entrevistar professores e professoras dessa região, tendo em vista colher depoimentos, histórias de vida, através de gravação de entrevistas, registro escrito de memórias, visando combater o esquecimento e valorizar as histórias de professores dessa região.

O conselho de ética em pesquisa com seres humanos estabelece que qualquer participação de pessoas em pesquisa seja feita com autorização por escrito dos mesmos, ou seus responsáveis. Nesse sentido, venho em meu nome e em nome da equipe de pesquisadores do NEPEDUCA, pedir sua autorização e colaboração com o nosso trabalho. Pretendemos convidá-lo(a) para uma sessão de entrevista, em horário e local a combinar, sem prejuízo para o(a) senhor(a) ou mesmo desconforto.

Esclareço ainda, que as entrevistas têm por objetivo descolar as memórias, construindo outras vozes do passado educacional do sudeste goiano. Essas entrevistas e/ou filmagens poderão ser usadas para ilustração e exemplificação em futuras apresentações do trabalho. Nossa intenção é criar um acervo audiovisual que sirva para futuras pesquisas em nosso país. Além disso, entendo que toda pesquisa deve, de alguma forma, contribuir para melhorar a qualidade de vida das pessoas.

Coloco-me a inteira disposição dos(as) senhores(as) para maiores esclarecimentos, seja na Universidade Federal de Goiás – Campus de Catalão ou pelo telefone residencial (64) 3411 2006 e, desde já, antecipo agradecimentos.

Atenciosamente.

---

Prof. Dr. Wolney Honório Filho CAC/UFG

Espaço para os(as) Professores(as)

Eu \_\_\_\_\_ autorizo a divulgação da minha entrevista em sua pesquisa e demais trabalhos acadêmicos/artísticos.

---

Assinatura





